

**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**VINCULAÇÃO, PARENTALIDADE E SUPRESSÃO EMOCIONAL: UM ESTUDO  
DIÁDICO**

Flávia Cristina Carvalho Ribeiro

outubro 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora  
***Paula Mena Matos*** (FPCEUP).

## AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

A presente dissertação de mestrado decorreu no âmbito do Projeto (RE)CONCILIAR: Impacto da Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/MHC-CED/5218/2012).

## Agradecimentos

No culminar da última etapa do meu percurso académico, não poderia deixar de agradecer às pessoas fantásticas que tive a oportunidade de ter ao meu lado e que em muito contribuíram para conseguir manter o foco naquilo que realmente importa. A todos, quero deixar o meu agradecimento, em especial:

À **Professora Doutora Paula Mena Matos** por permitir aumentar o meu interesse pela investigação, por incentivar o trabalho autónomo, a superar-me sempre mais e por nunca duvidar das minhas capacidades.

À **Doutora Marisa Matias** pela disponibilidade constante, pela simpatia e pelo entusiasmo com que partilhou as suas ideias comigo.

À **Filipa** e à **Jéssica**, por todo o companheirismo, pela partilha de angústias, de conhecimentos e de experiências. Foram sem dúvida uma boa surpresa neste fim de percurso.

À **Ana Reis**, **Carla Silva** e à **Regina**, as companheiras que me alegravam nos dias maus e que sempre acreditaram que era capaz. Obrigada por estarem comigo naquelas semanas (que pareciam) intermináveis na biblioteca!

À **Ana Lourenço**, à **Lígia** e ao **Samuel**, os amigos de todas as horas, que me acompanham desde os primeiros dias de faculdade. A vocês, um obrigada pela amizade e pelo companheirismo que nunca deixaram de demonstrar.

À **Joana Recharte**, por ser o meu pilar nos cinco anos de faculdade. Sem dúvida, foste a pessoa que mais me ajudou a crescer no meu percurso académico. Fosse para tirar esclarecer dúvidas ou para validar o meu trabalho, nunca deixaste de me apoiar. Nesta reta final, mostraste mais uma vez que a tua amizade vale ouro! Obrigada!

À **Mafalda Cardoso**, pela amizade e paciência quando tudo parecia negro. Pelas palavras de conforto e encorajamento. Por acreditares sempre nas minhas capacidades e por veres em mim o potencial que nem sempre sabia reconhecer. Pela presença constante, por seres a melhor amiga do mundo!

Ao **João**, pela incansável paciência, pelo carinho e amor que demonstraste. Foste o porto de abrigo nos dias em que tudo parecia estar contra mim, o poço de motivação quando queria desistir. Obrigada pelo apoio incondicional!

Aos meus **Pais**, os pilares da minha vida. Um obrigado muito especial por acreditarem sempre que estou destinada a grandes feitos e por nunca me deixarem baixar os braços nos piores momentos. Convosco é tudo mais fácil.

## Resumo

A literatura tem mostrado como o exercício da parentalidade é influenciado por diversos fatores, entre eles a qualidade da relação romântica. Todavia a maioria centra-se na transição para a parentalidade e/ou na díade mãe-criança, descurando o plano diádico das múltiplas influências entre ambos os membros da relação romântica. Por outro lado, pouco se sabe acerca do papel das estratégias de regulação emocional na ligação entre a qualidade da vinculação romântica e o exercício da parentalidade. O presente estudo colocou o enfoque em casais de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar e pretendeu analisar de que forma as orientações de vinculação do próprio e do parceiro romântico (efeito de ator e de parceiro) se associam à perceção do exercício da parentalidade e em que medida a supressão emocional medeia esta relação. Para tal, foi recolhida uma amostra de 138 casais tendo-se usado procedimentos estatísticos através do *Actor-Partner Interdependence Mediation Model* (APIMeM) na análise dos dados. Foram encontrados efeitos de ator na associação da vinculação evitante com as dimensões da parentalidade e entre a vinculação evitante e a supressão emocional. Também se verificaram alguns efeitos de parceiro entre a vinculação (ansiosa e evitante) e duas dimensões da parentalidade (calor e apoio à autonomia) e entre a supressão emocional e a dimensão rejeição. Finalmente, foi encontrado um efeito indireto da supressão emocional na ligação entre a vinculação evitante da mulher com a dimensão rejeição do homem. Estes resultados permitem confirmar o referencial teórico, assim como contribui com novas explicações para a associação da vinculação romântica com o exercício da parentalidade, mediado pela supressão emocional.

**Palavras-chave:** parentalidade, vinculação, supressão emocional, casais duplo-emprego, estudo diádico

## **Abstract**

Literature has shown how parenting is influenced by several factors, including the quality of romantic relationship. However the majority of these studies focuses on the transition to parenthood and/or mother-child dyads, neglecting the dyadic level of multiple influences from both sides of the romantic relationship. On the other hand, not much is known about the role of emotional regulation strategies on the link between the quality of romantic attachment and parenting. This study focus on dual-earner couples with children in preschool age and pretends to analyze how the attachment of one self and his/her romantic partner (actor and partner effect) are associated with the perception of parenting and to what extent emotional suppression mediates this relationship. For this, we took a sample of 138 couples and used the Actor-Partner Interdependence Mediation Model (APIMeM) in the data analysis. Actor effects were found in the association of avoidant attachment with dimensions of parenting and between avoidant attachment and emotional suppression. There were also some partner effects between attachment (anxious and avoidant) and two dimensions of parenting (warm and autonomy support) and between emotional suppression and the rejection dimension. Finally, an indirect effect of emotional suppression was found in the link between avoidant attachment of women to the rejection dimension of man. These results confirm the theoretical framework, and contributes to new explanations for the association of romantic connection with parenting, mediated by emotional suppression.

**Keywords:** parenting, attachment, emotional suppression, dual-earner couples, dyadic study

## Résumé

La littérature a démontré que la parentalité est influencé par divers facteurs, entre eux la qualité de la relation romantique. En effet, la majorité des études se centrent dans la transition pour la parentalité et/ou dans la dyade mère-enfant, compromettant le plan dyadique des plusieurs influences entre les deux membres de la relation romantique. D'une autre part, le rôle des stratégies de régulation émotionnelle dans le lien entre la qualité de l'attachement romantique et la parentalité est très peu étudié. Cette étude a mis en foyer les couples avec double-emploi avec enfants en âge préscolaire et a voulu analyser dans quelle manière les orientations d'attachement d'un et du partenaire romantique (effet acteur et partenaire) s'associent à la perception de la parentalité et en quelle mesure la suppression émotionnelle arbitre cette relation. Pour ça, un échantillon de 138 couples a été collecté, utilisant les procédures statistiques à travers du *Actor-Partner Interdependence Mediation Model* (APIMeM) pour l'analyse des donnés. Les effets d'acteur ont été trouvées dans l'association de l'attachement évitant avec les dimensions de la parentalité et entre l'attachement évitant et la suppression émotionnelle. Aussi ont été vérifiées des effets de partenaire entre l'attachement (anxious et évitant) et deux dimensions de la parentalité (chaleur et support à l'autonomie), et entre la suppression émotionnelle et la dimension rejet. En fin, un effet indirect entre la suppression émotionnelle dans le lien entre attachement évitant de la femme avec la dimension rejet de l'homme a été trouvé. Ces résultats permettent confirmer le référentiel théorique, ainsi comme contribuer avec nouvelles explications pour l'association de l'attachement romantique avec la parentalité, arbitré par la suppression émotionnelle.

**Mots-Clés:** parentalité, attachement, suppression émotionnelle, couples double-emploi, étude dyadique

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I: Revisão da Literatura .....</b>	<b>3</b>
1. Parentalidade.....	3
2. Vinculação na Idade Adulta.....	7
3. Supressão Emocional .....	10
4. Parentalidade, Vinculação na Idade Adulta e Supressão Emocional.....	13
4.1. Interface entre parentalidade e vinculação na idade adulta .....	13
4.2. Interface entre vinculação na idade adulta e supressão emocional. ....	15
<b>Capítulo II: Estudo Empírico .....</b>	<b>18</b>
1. Objetivos .....	18
2. Hipóteses.....	19
3. Método .....	21
3.1 Participantes e procedimento. ....	21
3.2 Instrumentos. ....	22
4. Procedimentos de Análise.....	24
<b>Capítulo III: Apresentação de Resultados .....</b>	<b>26</b>
1. Modelo A .....	30
2. Modelo B .....	33
<b>Capítulo IV: Discussão dos Resultados .....</b>	<b>35</b>
1. Discussão dos Resultados Apresentados .....	35
2. Limitações e Pistas para Investigações Futuras .....	39
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>41</b>



## **Índice de Tabelas**

<b>Tabela 1.</b> Correlações de Pearson entre vinculação evitante, vinculação ansiosa, supressão emocional, apoio à autonomia, coerção, calor e rejeição .....	28
<b>Tabela 2.</b> Diferenças de Teste-T para amostras emparelhadas e tamanho de efeito ...	29
<b>Tabela 3.</b> Coeficientes significativos para o Modelo A .....	31
<b>Tabela 4.</b> Coeficientes significativos para o Modelo B .....	33

## **Índice de Figuras**

<b>Figura 1.</b> Efeitos diretos e indiretos da vinculação evitante, vinculação ansiosa, supressão emocional, calor e rejeição – Modelo A .....	32
<b>Figura 2.</b> Efeitos diretos e da vinculação evitante, vinculação ansiosa, supressão emocional, apoio à autonomia e coerção – Modelo B .....	34

## **Introdução**

A parentalidade está presente na vida dos indivíduos como o contexto primário de socialização, sendo uma experiência transformativa que impõe uma mistura única de desafios mas também de recompensas. Desde a Segunda Guerra Mundial tem-se vindo a assistir ao aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, verificando-se uma mudança nas famílias em que apenas um dos membros do casal trabalhava, que dá lugar a famílias de duplo-emprego (Matias, Fontaine, Simão, Oliveira, & Mendonça, 2010).

As famílias de duplo-emprego deparam-se com exigências ao nível da articulação entre os diferentes papéis que os indivíduos desempenham, como o parental, o profissional e o conjugal. Quanto a este último, sabe-se que, na idade adulta, é o parceiro romântico que fornece o suporte e a proteção que o indivíduo necessita para criar um modelo de si estável e que permita o relacionamento com os outros (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Um estilo de vinculação seguro contribui para o bem-estar subjetivo, autoestima e perceções positivas sobre os outros e para um aumento do ajustamento de comportamentos e cognições interpessoais (Mikulincer & Shaver, 2004). É por isso relevante estudar de que forma a parentalidade se associa ao estilo de vinculação próprio mas também do parceiro.

Aliado à parentalidade e aos estilos de vinculação, faz sentido estudar a regulação emocional no casal uma vez que este é um processo dinâmico e que se desenvolve de forma complexa ao longo do tempo (Levenson, Haase, Bloch, Holley, & Seider, 2014). Reconhecendo que o casal existe numa relação diádica, é esperado que a regulação emocional de um dos membros do casal vá ter influência na regulação emocional do parceiro. Os seus mecanismos têm um papel fundamental no modo como o indivíduo direciona e organiza o seu comportamento. Uma regulação emocional pouco eficaz, como é o caso da supressão emocional, pode ter implicações a nível emocional, cognitivo e comportamental. Pais que tenham dificuldades em regular as suas emoções e que tendam a responder com menos empatia, compaixão e capacidade de perdão podem ter dificuldades com os desafios que a parentalidade exige assim como em responder às necessidades dos seus filhos (Jones, Cassidy, & Shaver, 2014).

Através do presente estudo pretende-se compreender o impacto dos estilos de vinculação romântico na perceção do indivíduo do exercício parental e perceber se a supressão emocional medeia esta relação, sendo analisadas as díades de casais de duplo-

emprego, com pelo menos um filho em idade pré-escolar. Segundo as estatísticas, a percentagem de mulheres portuguesas empregadas, com um filho menor de três anos e a trabalhar em *full-time* é a maior da União Europeia (Eurostat, 2010). Neste sentido, e sabendo que as crianças em idade pré-escolar requerem mais atenção e planeamento de tempo por parte dos cuidadores, consideramos pertinente aprofundar a problemática deste estudo nesta amostra.

Posto isto, no primeiro capítulo é feita uma revisão da literatura relativamente à parentalidade, à vinculação na idade adulta, à regulação emocional (supressão emocional) e às relações estabelecidas entre elas. No segundo capítulo são apresentados o estudo empírico e a metodologia utilizada e no terceiro capítulo os resultados do estudo. Finalmente no quarto capítulo é apresentada a discussão dos resultados e uma reflexão sobre limitações e pistas para investigações futuras.

## Capítulo I: Revisão da Literatura

### 1. Parentalidade

Aceite pelas diversas áreas científicas, é possível afirmar que a família constitui um pilar da nossa sociedade, sendo o contexto primário de socialização, onde diferentes gerações interagem (Cruz, 2013). Mais concretamente, a parentalidade surge como um conceito que nos remete para uma prática que perdura há muitos anos. No presente estudo será focado o domínio da parentalidade, como é que esta é exercida por casais de duplo-emprego, tanto no plano individual como no plano diádico.

Ao longo do tempo, o papel que os pais desempenham tem vindo a alterar-se, ajustando-se ao contexto social, tecnológico e económico de cada época (Bradley, 2002). No entanto, o principal objetivo da parentalidade continua a ser proporcionar à criança estratégias para se tornar competente e capaz de se integrar na sociedade (Maccoby & Martin, 1983). A parentalidade pode ser definida como um conjunto de “atividades destinadas a assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento das crianças” (Hoghugh, 2004, p. 5). Cruz (2013) enfoca a parentalidade como um:

Conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade. (p. 13)

A literatura existente sobre a parentalidade é extensa, verificando-se muitos trabalhos sobre as variáveis parentais e as consequências no desenvolvimento da criança (e.g., Berkien, 2012; Braza et al., 2015). Ao longo dos anos foram emergindo diferentes focos na investigação sobre esta temática. Os primeiros estudos começaram por enfatizar os comportamentos educativos parentais (e.g., Baldwin, 1948), sendo o trabalho de Baumrind o mais significativo através da associação de práticas educativas aos padrões comportamentais parentais. Mais tarde, na década de 80, salienta-se a importância dos processos cognitivos parentais, reconhecendo o comportamento parental não como um ato automático, mas como a interação entre pensamentos, ideias, valores ou conhecimentos (Cruz, 2013). Dix (1991), por sua vez, é um dos autores que remete para a importância dos processos afetivos, referindo a parentalidade como uma experiência emocional. Compreendendo a importância dos processos comportamentais, cognitivos e afetivos e da

sua ligação intrínseca, serão focados os contributos mais importantes sobre as práticas parentais.

Num trabalho pioneiro, Baumrind (1966) conceptualizou diferentes padrões educativos parentais, sendo eles o *autorizante*, *autoritário* e *permissivo*, tendo mais tarde surgido um quarto, identificado como *negligente* (Baumrind, 1966). O estilo *autorizante* é caracterizado pela manutenção do controlo e da disciplina, mostrando também alguma flexibilidade e fomentando a responsabilidade, a cooperação e a autorregulação da criança. Os pais com este estilo parental terão elevados níveis de controlo e calor. Quanto ao estilo *autoritário*, os pais tendem a mostrar mais controlo e distância, sem permitir discussões ou debates, tendo, por isso, elevados níveis de controlo e baixos níveis de calor. Pais com um estilo *permissivo* possuem poucas expectativas em relação à criança, usam pouca disciplina e evitam entrar em confrontos com problemas comportamentais. Revelam baixos níveis de controlo, mas elevados níveis de calor. Por último, o estilo *negligente* é caracterizado pela falta de estrutura, disciplina ou supervisão, havendo uma rejeição ou negligência ativa da criança. Estes pais tendem a revelar baixos níveis de controlo e calor. Os estudos mostraram que o estilo autorizante dos pais tende a gerar nas crianças comportamentos sociais eficazes e independentes, enquanto que pais com um estilo autoritário e permissivo privam a criança de se envolver em interações sociais.

Deci e Ryan (1985) também forneceram importantes contributos com a teoria da autodeterminação ao referir que uma parentalidade que fornece estrutura, elevados níveis de calor e envolvimento e que suporta a autonomia da criança, deverá facilitar a motivação, bem-estar e persistência da criança. Os autores teorizaram que as necessidades psicológicas individuais – competência, autonomia e sentido de pertença – quando satisfeitas, promovem o bem-estar pessoal. Um estilo parental baseado no suporte foi associado a menos problemas comportamentais externalizados das crianças quando comparado com comportamentos parentais não apoiantes (Meteyer & Perry-Jenkins, 2009).

Em 1984, Belsky propôs um modelo onde teorizou que os determinantes do comportamento parental se baseiam na personalidade dos pais, nas características da criança e nas fontes contextuais de *stress* e apoio social (e.g., relação conjugal, rede social e experiências ocupacionais dos pais). A história desenvolvimental dos pais vai influenciar a sua personalidade e funcionamento parental assim como o desenvolvimento da criança. O autor concluiu que (1) a parentalidade é multideterminada, (2) os diferentes determinantes não influenciam igualmente no suporte da promoção da parentalidade, e (3) a história desenvolvimental e a personalidade moldam indiretamente a parentalidade uma vez que

influenciam primeiro o contexto em que as relações pais-criança ocorrem (e.g., relação conjugal) (Belsky, 1984).

Nos últimos anos tem sido estudada a forma como os pais se relacionam com os filhos. Muitos estudos sobre as práticas parentais assumem que os pais possuem um mesmo estilo parental ou que são interdependentes (Di Maggio & Zappulla, 2014). No entanto, as abordagens por tipologias (como a de Baumrind) apesar de transmitirem a ideia global dos conceitos e da relação entre ações parentais e ações das crianças, ocultam as dimensões que estiveram na origem da construção dessas tipologias, podendo encobrir os processos pelos quais as ações parentais influenciam a criança (Bugental & Goodnow, 1998).

Skinner, Johnson e Snyder (2005) consideram que as práticas parentais são melhor explicadas através de dimensões que permitem capturar a natureza da parentalidade, representando assim um conjunto de pequenos “blocos” que vão construindo a ideia de parentalidade. Esta abordagem dimensional permite que as diferenças nas práticas parentais sejam vistas como pontos num contínuo multivariado (Di Maggio & Zappulla, 2014). Identificando as dimensões, é mais fácil realizar uma avaliação compreensiva, facilitando também o aumento de conhecimento detalhado da forma como é exercida a parentalidade.

Tendo por base estas ideias e o trabalho desenvolvido sobre práticas parentais ao longo dos anos, Skinner e colaboradores (2005) criaram um modelo baseado em seis dimensões, sendo elas *calor*, *rejeição*, *estrutura*, *caos*, *apoio à autonomia* e *coerção*. A dimensão *calor* caracteriza-se pela expressão de afeto, disponibilidade emocional e carinho genuíno. Por oposição, a dimensão *rejeição* refere-se à rejeição ou hostilidade. Podem ocorrer sentimentos negativos (e.g., crítica e desaprovação) como reação aos comportamentos de pedidos de ajuda ou atenção da criança. A dimensão *estrutura* pode ser definida como o fornecimento de expectativas claras do comportamento com limites apropriados e consistentes. Por sua vez, a dimensão *caos* ultrapassa a falta de estrutura uma vez que pode ser caracterizada por comportamentos parentais não contingentes, inconsistentes e imprevisíveis. A dimensão *apoio à autonomia* caracteriza-se pela permissão à criança para se exprimir livremente, fazer uma exploração ativa do meio e articular a sua própria visão, objetivos e preferências. Por contraste, a dimensão *coerção* refere-se a um estilo parental intrusivo e sobre controlador, exigindo à criança total obediência. Os autores pretenderam assim mostrar que as seis dimensões não têm de ser consideradas polos opostos (e.g., com um valor elevado na dimensão *calor* terá um valor mais baixo na dimensão *rejeição*). Através dos seus estudos, Skinner e colaboradores (2005) relacionaram as dimensões *calor*, *estrutura* e *apoio à autonomia* como correlacionados com os estilos

parentais autorizante ou baseado no suporte. Por outro lado, a agregação das dimensões rejeição, caos e coerção correlacionam-se com estilos parentais não apoiantes. Um estudo de Chew e Wang (2013) vem confirmar o carácter unipolar das dimensões parentais propostas por Skinner e colaboradores, admitindo a possibilidade dos pais exibirem níveis mais elevados de uma dimensão numa determinada situação e a adoção de outras dimensões em diferentes interações entre pais-criança. Dão como exemplo o facto de a presença da dimensão apoio à autonomia numa situação não impedir a ausência da coerção noutra circunstância.

Como foi anteriormente referido, os processos afetivos também têm um papel importante no exercício da parentalidade, mais concretamente a forma como os pais percecionam e controlam a expressão emocional (Cruz, 2013). A regulação emocional surge como um processo que permite à pessoa promover emoções desejáveis, suprimir as indesejáveis e disfarçar emoções (positivas ou negativas) que ameaçam ou prejudicam os seus objetivos (Dix, 1991). Na parentalidade, a regulação emocional parece fundamental para o indivíduo ser capaz de compreender as suas emoções e as da criança, conseguir perceber as suas consequências (fazendo antecipações do comportamento da criança, por exemplo) e utilizar estratégias de autocontrolo (Cruz, 2013). Existem estudos que comprovam a associação entre comportamentos emocionais dos pais e a regulação da expressividade e comportamentos da criança (e.g., Eisenberg et al., 2001; Morelen & Suveg, 2012). Dos estudos que enfocam a regulação emocional, a sua maioria refere-se ao papel materno e às díades mãe-criança (e.g., Lorber, 2012; Martini, Root, & Jenkins, 2004).

Muito do material empírico dá enfoque à parentalidade materna (e.g., Adam, Gunnar, & Tanaka, 2004; Rholes, Simpson, & Blakely, 1995), sendo escassos os trabalhos sobre a díade do casal na parentalidade. Ainda assim, é possível destacar alguns estudos, como o de Klausli e Owen (2011) sobre a interação conjugal e a parentalidade cujos resultados revelaram que os pais que experienciam mais hostilidade e retirada da sua parceira revelam ser menos sensíveis nas interações com os filhos do que pais que experienciam menos hostilidade e retirada, verificando-se o mesmo fenómeno com as mães. Um outro estudo aborda a temática da parentalidade através da exploração da concordância parental percebida entre casais que são pais pela primeira vez (Don, Biehle, & Mickelson, 2013). Ou seja, os autores pretenderam perceber se o casal concordava (ou não) com o exercício da parentalidade do parceiro no que concerne aos valores, comportamentos e/ou atitudes. Usando uma abordagem diádica e o modelo de interdependência ator-parceiro, os resultados indicaram que a concordância parental percebida foi associada a uma satisfação com a

relação conjugal, encontrando-se efeitos de ator e parceiro apenas nas mães, isto é, a sua percepção de concordância parental e a do parceiro associaram-se a maiores níveis de satisfação com a relação conjugal nas mulheres.

No exercício da parentalidade, como noutro contexto de vida, estão presentes diferenças individuais, originando diferentes comportamentos. No entanto, no contexto duma relação amorosa, é possível assistir à influência direta ou indireta de um parceiro em determinados comportamentos do outro parceiro. A forma como a pessoa está vinculada ao parceiro vai influenciar a sua visão do mundo e as suas relações com os outros. Assim, irá explorar-se a vinculação na idade adulta e como esta pode estar na génese de algumas variações interindividuais.

## **2. Vinculação na Idade Adulta**

Uma das autoras que contribuiu para uma melhor compreensão da vinculação na idade adulta foi Mary Main com a criação da *Adult Attachment Interview* (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Esta entrevista, com o objetivo de avaliar a vinculação na idade adulta, pretendia compreender os processos mentais e como as representações desses processos eram traduzidos através da linguagem (Main et al., 1985). Deste trabalho os autores identificaram quatro estatutos de vinculação na idade adulta – *seguro-autónomo*, *desligado*, *preocupado* e *não-resolvido/desorganizado*.

Outros autores que desempenharam um papel importante na compreensão da relação amorosa e o processo de vinculação foram Hazan e Shaver. Numa tentativa de aplicar as ideias de Bowlby às relações românticas, Hazan e Shaver (1987) desenvolvem uma medida de autorrelato para avaliar o estilo de vinculação romântica através da caracterização de sentimentos e tendências comportamentais na relação romântica. Na infância, os pais surgem como principais figuras de vinculação e na idade adulta emergem os pares ou companheiros românticos. A vinculação na idade adulta envolve, principalmente, os sistemas de vinculação, de prestação de cuidados e sexual. Segundo o modelo do processamento de transferência de vinculação (Hazan & Shaver, 1994), as funções de vinculação vão sendo transferidas ao longo do ciclo de vida. Apesar de os pais nunca serem colocados de parte, gradualmente a figura de vinculação vai sendo redirecionada para os pares. Por sua vez enquanto que durante a infância a vinculação é complementar, na idade adulta a vinculação romântica é recíproca (Crowell & Treboux, 1995; Hazan & Shaver, 1994).



Baseando-se no referencial teórico de Bowlby sobre os modelos do outro, Bartholomew (1990) desenvolveu o modelo bidimensional que contempla o *modelo de si* e o *modelo do outro*, sendo organizados como positivos ou negativos. No modelo de si e do outro positivo, a pessoa acredita que é digna de amor e de suporte e que o outro é confiável e disponível. Num modelo negativo de si e do outro, a pessoa não se considera digna de amor e de suporte e vê o outro como incapaz de satisfazer as suas necessidades, sendo, por isso, não confiável e disponível. O cruzamento destes modelos levou à identificação de quatro padrões de vinculação – *seguro*, *preocupado*, *desinvestido* e *amedrontado* (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). O primeiro é caracterizado por modelos positivos de si e dos outros; o padrão *preocupado* caracteriza-se por um modelo de si negativo e do outro positivo; o padrão *desinvestido* resulta num modelo de si positivo e do outro negativo; e, por ultimo, o padrão *amedrontado* é caracterizado por modelos negativos de si e dos outros.

Através de vários estudos, a vinculação romântica passa a ser descrita através de duas dimensões como estando na base de várias medidas de autorrelato: *ansiedade* e *evitamento* (Mikulincer & Shaver, 2004; 2007). Indivíduos com vinculação ansiosa desejam a proximidade e proteção, preocupam-se com a relação e utilizam estratégias de hiperativação como forma a conseguir lidar com as suas inseguranças (Mikulincer & Shaver, 2004; 2005; 2007). Por sua vez, os indivíduos com vinculação evitante caracterizam-se por uma independência compulsiva, preferência pela distância emocional e uma desconfiança na boa vontade dos outros, servindo-se de estratégias de desativação para lidar com o *stress*. É possível que demonstrem menos alegria, amor e gratidão aos comportamentos amáveis do parceiro. As estratégias utilizadas por indivíduos inseguros (vinculação ansiosa ou evitante) permitem minimizar a distância das figuras de vinculação através de respostas controladoras (hiperativação) ou maximizar a distância, numa atitude de maior independência (desativação) (Mikulincer & Shaver, 2004; 2005; 2007). Através desta caracterização, é possível identificar como tendo um estilo de vinculação seguro aquele indivíduo que obtém uma pontuação baixa nas duas dimensões da ansiedade e do evitamento. Ao contrário dos estilos de vinculação inseguros, estes indivíduos são capazes de confiar no parceiro, sentir conforto e proximidade e são capazes de lidar com ameaças de forma construtiva (Mikulincer & Shaver, 2004; 2005; 2007).

Baseado nestas proposições e nas estratégias de ativação e hiperativação supramencionadas, Mikulincer e Shaver (2004; 2007) reformulam o modelo de ativação e funcionamento do sistema de vinculação. Este modelo engloba três módulos: (1) *ativação*

*do sistema de vinculação, (2) monitorização e avaliação da disponibilidade da figura de vinculação, e (3) monitorização e avaliação da viabilidade de procurar a figura de vinculação.* No primeiro módulo, eventos ameaçadores ativam o sistema de vinculação de forma a procurar proximidade nas figuras de vinculação reconhecendo a natureza subjetiva das avaliações feitas por cada indivíduo. De seguida, a disponibilidade da figura de vinculação vai permitir o sentido de segurança ou, quando indisponível, fazer surgir sentimentos de insegurança. Quando a figura de vinculação se encontra disponível ou responsiva, é ativado o ciclo de ampliação-construção, permitindo ao indivíduo lidar com o *stress* e restaurar o seu equilíbrio emocional. No entanto, quando a vinculação é insegura, o indivíduo opta por estratégias de desativação (associada à vinculação evitante) ou de hiperativação (associada à vinculação ansiosa). Desta forma, o modelo proposto por Mikulincer e Shaver (2004; 2007) permite entender como é que o sistema de vinculação adulto é ativado, como é que a procura de proximidade pelo indivíduo alcança o sentido de segurança pretendido e como é que esse sentido de segurança contribui para o ciclo que, ao longo do tempo, leva ao crescimento pessoal e à auto atualização.

Apesar de grande parte da literatura se focar na contribuição do estilo de vinculação da própria pessoa na relação romântica, importa também focar os efeitos do parceiro, ou seja, até que ponto o estilo de vinculação de cada parceiro afeta o ajustamento na relação do outro (Mikulincer & Shaver, 2007). Alexandrov, Cowan e Cowan (2005) referem que o estilo do parceiro poderá ter três efeitos na relação. Apesar de haver uma probabilidade de os casais possuírem visões diferentes da relação, a relação íntima sugere uma concordância entre os modelos internos dos parceiros. Os autores também consideram a possibilidade de que os modelos internos de um parceiro terão efeito na satisfação conjugal, sentido de segurança e comportamento do outro parceiro (apesar da direção dos efeitos ser inconsistente). Por fim, consideram a possibilidade da satisfação conjugal ser um produto do estilo de vinculação de ambos os parceiros. No seu estudo, Alexandrov e colaboradores (2005) encontraram correlações positivas entre o estilo de vinculação seguro de ambos os cônjuges assim como do autorrelato e observação da qualidade conjugal. Quanto a diferenças de género relativamente aos diferentes estilos, Del Giudice (2011) concluiu que os homens demonstravam níveis maiores quanto ao estilo evitante e níveis menores quanto ao estilo ansioso, quando comparados com mulheres.

Numa revisão da literatura, Mikulincer e Shaver (2005) concluíram que as emoções experienciadas por uma pessoa podem influenciar as suas respostas e as do parceiro, refletindo-se na qualidade da relação diádica. É possível afirmar que a forma como os

indivíduos exercem a parentalidade e o modo como estão vinculados ao parceiro romântico podem ser influenciados pela forma como a emoção é processada. Assim, de seguida será explorado o processo da regulação emocional, em específico a supressão emocional, e como esta pode estar na base do comportamento humano.

### 3. Supressão Emocional

Diferentes perspetivas têm enfatizado “o papel importante que as emoções desempenham nas respostas comportamentais necessárias, na tomada de decisão, no aumento da memória em eventos importantes e na facilitação das interações interpessoais.” (Gross & Thompson, 2007, p.4). Estas são multifacetadas e surgem quando ocorre uma situação relevante para o indivíduo.

De forma a entender melhor como é que cada indivíduo processa as emoções, Gross (1998) reformulou o modelo modal identificando cinco processos fundamentais, sendo eles: *seleção da situação*, *modificação da situação*, *implementação da atenção*, *mudança cognitiva* e *modulação da resposta*. A *seleção da situação* é um tipo de regulação emocional em que o indivíduo se envolve em ações de forma a aumentar (ou diminuir) a probabilidade de se encontrar numa situação onde resultem emoções desejáveis (ou indesejáveis) (Gross, 1998; Gross & Thompson, 2007). Quanto à *modificação da situação*, o processo envolve um esforço efetivo para modificar a situação de forma a alterar o impacto emocional que a situação terá no indivíduo. Apesar do termo vago que é a palavra “situação” e de poder confundir-se com a primeira forma de regulação emocional, os autores enfatizam a modificação da situação em termos de ambiente físico e externo, e não interno (e.g., cognições). A *implementação da atenção*, por oposição às duas primeiras, não implica a mudança no ambiente. Refere-se sim à influência das respostas emocionais através do redirecionar da atenção numa determinada situação. As duas principais estratégias atencionais são a distração (mudança da atenção dos aspetos emocionais da situação ou de toda a situação, e mudança do foco interno) e a concentração (dirigir a atenção para características emocionais da situação – ruminação). Com a *mudança cognitiva*, é esperado que o indivíduo altere a forma como avalia a situação para que modifique o seu significado emocional, seja através da mudança de pensamento sobre a situação ou sobre a sua capacidade para lidar com as exigências que a situação implica. A reavaliação é um exemplo de mudança cognitiva que permite ao indivíduo alterar o significado da situação de forma a

modificar a resposta emocional àquela situação. Por último, surge a *modulação da resposta* que se refere ao uso de respostas fisiológicas, experienciais ou comportamentais diretas (e.g., relaxamento). Aqui, destaca-se a supressão emocional como forma de diminuir comportamentos de expressão das emoções (Gross, 1998; Gross & Thompson, 2007). Adicionalmente, estas estratégias de regulação diferem quanto ao seu impacto no processo de desenvolvimento das emoções, podendo ser distinguidas por estratégias focadas nos *antecedentes* ou focadas *na resposta* (Gross, 1998; Gross, 2002; Gross & John, 2003; Loewenstein, 2007). As estratégias focadas nos antecedentes são implementadas antes da resposta emocional estar completamente ativada, sendo elas as quatro primeiras estratégias referidas anteriormente. As estratégias focadas na resposta referem-se às ações que o indivíduo executa depois de ocorrer uma resposta emocional, sendo ela a modulação da resposta, mais conhecida como supressão emocional.

Focando um pouco mais a atenção para esta estratégia de regulação emocional, a supressão emocional aparece tarde no processo emocional, requerendo ao indivíduo um esforço para lidar com as respostas que vão surgindo (John & Gross, 2004; 2007). Os esforços repetidos acabam por consumir os recursos cognitivos do indivíduo, levando a um sentido de discrepância entre a sua experiência interior e a expressão exterior. Desta forma, o indivíduo pode experienciar sentimentos negativos em relação ao seu *self*, acabando por se alienar dos outros e impedindo o desenvolvimento de relações emocionais próximas.

Foi em 2002 que Gross realizou uma pesquisa sobre as diferenças individuais no uso da reavaliação e supressão emocional de forma a compreender as suas diferentes consequências. Mais tarde, John e Gross (2004) realizaram uma revisão de vários estudos experimentais sobre a mesma temática, destacando-se três tipos de consequências a curto prazo: *afetiva*, *cognitiva* e *social*. Quanto às consequências afetivas, os autores descobriram que os participantes que utilizaram a supressão revelaram uma diminuição na expressão comportamental das emoções negativas, no entanto, sentiram tanta emoção negativa quanto os participantes que não suprimiram as suas emoções. Relativamente às consequências cognitivas, observou-se uma diminuição de recursos cognitivos disponíveis para outras tarefas (e.g., danos na memória para informação social). Um outro estudo envolvendo casais de namorados revelou que aqueles que utilizaram a supressão emocional lembraram-se de menos detalhes duma conversa natural do que aqueles que utilizaram outras respostas (Richards, Butler, & Gross, 2003), o que revela esta limitação na memória para informação social. As consequências sociais podem advir dos custos cognitivos anteriormente referidos, assim como à falta de capacidade para responder adequadamente aos outros (John & Gross,

2004). Como esperado, os participantes que interagiram com indivíduos que utilizaram a supressão emocional sentiram mais *stress* do que com participantes que utilizaram diferentes estratégias, o que demonstra uma interação social e relacional mais disruptiva (Gross & John, 2003; John & Gross, 2004).

Ainda na mesma revisão, John e Gross (2004) também se focaram nas diferenças individuais na regulação emocional, mais concretamente na reavaliação e na supressão emocional. Uma vez que pretendemos focar apenas na supressão, os resultados mostraram que os indivíduos que utilizam a supressão como estratégia expressam e experienciam menos emoções positivas, observando-se efeitos nas medidas de autorrelato e de relato dos pares. Quanto à emoção negativa, a supressão não diminuiu nem aumentou a experiência de emoções negativas momentâneas em ambientes controlados. No entanto, em ambientes naturais, a supressão pode fazer aumentar afetos negativos devido à inautenticidade. Através destes resultados, os autores concluíram que, ao longo do tempo, os indivíduos que utilizaram a supressão voluntariamente sentem-se pouco verdadeiros e mal consigo próprios.

Ainda no estudo realizado por Gross e John (2003), também se verificaram diferenças de género, tendo os homens revelado maior uso de supressão relativamente às mulheres. No entanto, Thompson e Meyer (2007) destacaram a regulação emocional como um processo desenvolvimental multifacetado, sendo difícil perceber de onde surgem as diferenças individuais uma vez que ocorrem influências diversas nas diferentes fases do crescimento do ser humano. Desta forma, a socialização parece desempenhar um papel importante na construção de estratégias de autorregulação emocional até à idade adulta (Thompson & Meyer, 2007).

Considerando a natureza social das emoções, faz sentido estudá-las no contexto da relação amorosa. No entanto, os estudos sobre a regulação emocional com casais parecem ser alvo de várias falhas e questões não respondidas (Levenson et al., 2014). É importante compreender a regulação emocional em casais uma vez que estão sempre presentes dois atores e, consequentemente, reatores. Cada um com as suas motivações ou objetivos emocionais, o casal encontra-se numa situação que está em constante mudança, na qual o seu parceiro expressa e regula as suas próprias emoções, respondendo também às emoções um do outro (Levenson et al., 2014). É, por isso, uma situação bastante dinâmica e fluida que cria desafios na forma de lidar com as suas emoções e com as do parceiro.

#### **4. Parentalidade, Vinculação na Idade Adulta e Supressão Emocional**

Conforme a literatura nos mostra, parecem existir diferentes associações entre os diversos comportamentos parentais e os estilos de vinculação em idade adulta. Também a supressão emocional demonstra um papel relevante nas interações interpessoais. Desta forma, serão apresentados e discutidos estudos realizados sobre estas temáticas.

##### **4.1. Interface entre parentalidade e vinculação na idade adulta.**

Para o atual estudo interessa-nos perceber de que forma a vinculação na idade adulta e as variáveis da parentalidade se relacionam. Atualmente a literatura revela que pais com um estilo seguro demonstram estar mais disponíveis na resposta às necessidades de proximidade ou conforto dos filhos (e.g., Mikulincer & Shaver, 2007) e outros mostram associações positivas entre experiências parentais positivas na infância e um estilo de vinculação seguro na idade adulta (e.g., Perris & Andersson, 2000). A transição para a parentalidade também é focada, havendo evidência de associações entre um estilo de vinculação evitante e o menor desejo de se tornar pai, com mais sintomas depressivos e casamentos menos satisfatórios (e.g., Rholes, Simpson, & Friedman, 2006).

Um estudo só com mães revelou associações positivas entre um estilo de vinculação preocupado e uma maior intrusão/raiva na interação com a criança; e entre afeto positivo e práticas parentais calorosas/responsivas (Adam et al., 2004). Um outro demonstrou uma associação entre estilos de vinculação inseguros com comportamentos parentais insensíveis, comparando com mães com um estilo de vinculação seguro (Mills-Koonce et al., 2011). Apesar de o referencial teórico ser bastante rico relativamente ao comportamento parental materno, também se vai observando cada vez mais literatura sobre a importância do papel do pai na parentalidade (e.g., Kowlessar, Fox, & Wittkowski, 2015).

Apesar do vasto referencial empírico existente sobre os estilos de vinculação e a parentalidade, por vezes torna-se difícil fazer a comparação entre estudos (Jones, Cassidy, & Shaver, 2015). Os investigadores utilizam diferentes constructos ou medidas de avaliação e nem sempre a amostra é equiparável uma vez que existem estudos só com mulheres, outros com homens e mulheres e alguns só com homens, para além da diversidade de culturas e experiências de vida. Considerando a importância da relação entre estilos de vinculação e a parentalidade, Jones e colaboradores (2014; 2015) realizaram uma revisão da literatura onde identificaram quatro categorias de comportamento parental, sendo elas (1) a sensibilidade,

responsividade e suporte parental, (2) o comportamento hostil e conflituoso, (3) os maus-tratos/abuso infantil, e (4) os comportamentos parentais variados.

Na primeira categoria os autores destacam o estilo de vinculação evitante associado a comportamentos parentais menos sensíveis, responsivos e que fornecem suporte. Apesar duma associação não tão consistente, também foram encontradas ligações entre o estilo de vinculação ansioso e comportamentos parentais menos sensíveis e responsivos. Quanto ao comportamento hostil e conflituoso, foram encontradas diferenças entre pais e mães. Verificou-se uma associação entre mães com estilos de vinculação evitante e ansioso e comportamentos conflituosos e a mesma associação, mas apenas com pais com um estilo ansioso. Na terceira categoria os autores identificaram uma associação mais forte entre estilos de vinculação inseguros com o risco de maus-tratos para com a criança. Finalmente, a última categoria salienta o estilo de vinculação inseguro como aquele com maior associação aos comportamentos parentais negativos (e.g., menor investimento parental, menor envolvimento em atividades com a criança) (Jones et al., 2014; 2015). Esta revisão da literatura demonstra como o estilo de vinculação romântico afeta os comportamentos parentais.

Considerando a importância do estudo sobre estas duas temáticas, é também relevante considerar o plano diádico e os efeitos de parceiro. Um estudo realizado por Millings, Walsh, Hepper e O'Brien (2013) focou-se na contribuição da vinculação romântica e do estilo parental e nos efeitos do parceiro romântico em casais com filhos em idade escolar. O modelo final proposto pelos autores revelou que a responsividade ao parceiro medeia a relação entre a vinculação e os estilos parentais e essas relações não diferem entre mães e pais. Concretamente, estilos de vinculação evitante e ansioso foram associados a baixos níveis de *caregiving* romântico responsivo sendo também associados a um reduzido estilo autorizante e a um aumento do estilo autoritário e permissivo. O estilo de vinculação seguro foi associado ao estilo autorizante através do *caregiving* responsivo. Foram encontrados efeitos intra-individuais (estilo de vinculação mediado pelo *caregiving* responsivo), no entanto, não se verificaram efeitos inter-individuais, ou seja, efeitos de parceiro.

Também Lang, Schoppe-Sullivan, Kotila e Kamp Dush (2013) realizaram um estudo com casais de duplo-emprego em que pretenderam perceber o papel da vinculação romântica no envolvimento parental diário na transição para a parentalidade. Através do modelo de interdependência ator-parceiro os autores concluíram que pais com estilo evitante despendem mais tempo no envolvimento do tipo exploratório (e.g., brincar ou ler com a

criança) em dias de trabalho quando as mães têm um estilo de vinculação mais ansioso. Por sua vez, mães com um estilo ansioso despendem mais tempo em tarefas de envolvimento baseadas na proximidade (e.g., abraçar ou ouvir a criança) em dias em que não trabalham quando os pais têm um estilo mais evitante.

#### **4.2. Interface entre vinculação na idade adulta e supressão emocional.**

A teoria da vinculação relaciona-se com as estratégias de regulação emocional utilizadas pelos indivíduos (Mikulincer & Shaver, 2004). Mikulincer, Gillath e Shaver (2002) desenvolveram um estudo onde concluíram que as representações mentais da figura de vinculação (e.g., nome) são automaticamente ativadas na mente da pessoa quando esta se encontra exposta a um estímulo ameaçador. Estudos desta natureza mostram que os indivíduos procuram automaticamente representações internas de segurança das suas figuras de vinculação numa situação de *stress*, sendo que a ativação mental dessas representações produz emoções positivas, facilitando assim a forma como a pessoa lidará com a situação (e.g., Mikulincer, Hirschberger, Nachmias, & Gillath, 2001). Um sistema de vinculação seguro facilita, assim, as estratégias de regulação emocional que permitem aliviar o *stress*, a manutenção do conforto, o suporte nas relações íntimas e o aumento do ajustamento pessoal, sendo a reavaliação a estratégia preferencialmente utilizada (Shaver & Mikulincer, 2002). Pessoas com um estilo de vinculação seguro tendem a utilizar abordagens construtivas para a resolução de problemas nas interações com figuras de vinculação que foram responsivas na demonstração de proximidade, proteção e suporte e a depender de representações internas do suporte dessas mesmas figuras de vinculação. (Calkins & Hill, 2007; Mikulincer & Shaver, 2004; Thompson & Meyer, 2007).

Quanto ao estilo de vinculação evitante, é sabido que estes utilizam preferencialmente estratégias de desativação, desejando a supressão do sofrimento e do *stress* causado (Shaver & Mikulincer, 2007; 2014). Também Gross e John (2003) verificaram uma correlação positiva entre a supressão e duas medidas diferentes de vinculação evitante. Desta forma, é possível afirmar que os indivíduos com o estilo de vinculação evitante tendem a não mostrar ou a não partilhar as suas emoções (John & Gross, 2007), não sendo claro para eles aquilo que estão a sentir podendo refletir-se na sensação de falta de autenticidade sobre si próprios (Gross & John, 2003).

Por oposição, indivíduos com um estilo de vinculação ansioso tendem a exagerar as emoções, sendo característico o uso de estratégias de hiperativação como forma de manter o sistema de vinculação ativo (Shaver & Mikulincer, 2007; 2014). O facto de estes indivíduos



exagerarem na expressão de emoções negativas faz com que aumente a probabilidade de se verem em situações problemáticas, usando expressões de carência ou insatisfação, utilizando estratégias de distanciamento (como negação ou desvio da atenção) em situações stressantes (Holmberg, Lomore, Takacs, & Price, 2011). Alguns estudos demonstraram também ligações entre um estilo de vinculação inseguro e uma maior probabilidade de experienciar raiva (no caso dos homens) ou de suprimir de expressões de raiva (especialmente no caso das mulheres) (Liu, Cohen, Schulz, & Waldinger, 2011).

Há também alguma literatura sobre os estilos de vinculação e as respostas aos comportamentos ofensivos do parceiro. Indivíduos com um estilo de vinculação inseguro tendem a reagir mais intensamente do que indivíduos seguros a comportamentos de rejeição ou desaprovação (verdadeira ou imaginada) do parceiro (e.g., Holmberg et al., 2011). Vários estudos confirmam que pessoas com um estilo evitante têm menor tendência para partilhar experiências de *stress* com outras pessoas (Garrison, Kahn, Miller, & Sauer, 2014) assim como mais comportamentos defensivos/hostis (Shaver & Mikulincer, 2014). Por sua vez, o estilo ansioso é caracterizado por sentimentos de rejeição, choro e vulnerabilidade (Shaver & Mikulincer, 2014) e pela utilização de estratégias de ruminação (Garrison et al., 2014).

Fraley e Shaver (1997) realizaram um estudo que se focou na compreensão dos estilos de vinculação e a supressão de pensamentos não desejados, em que os participantes (envolvidos numa relação amorosa) teriam de pensar ou não pensar em situações em que o seu parceiro o deixaria por outra pessoa. Os resultados indicaram que as pessoas com um estilo de vinculação desinvestido foram mais capazes de suprimir pensamentos de abandono, do que pessoas com um estilo de vinculação preocupado, que parecem ter mais dificuldade na regulação da atenção.

Um outro estudo, desenvolvido por Winterheld (2016), tentou perceber se o estilo de vinculação de casais predizia o uso de estratégias de regulação emocional (reavaliação cognitiva, supressão emocional e expressão de emoções negativas) e se eram moderados por características do contexto relacional (perceção de proximidade e comportamentos negativos). Verificou-se que indivíduos com estilo seguro reportaram um maior uso de reavaliação cognitiva, principalmente quando se sentiam mais próximos dos seus parceiros, e um menor uso de supressão quando os seus parceiros se comportam mais negativamente em relação a eles. Por sua vez, indivíduos com um estilo evitante revelaram maior uso de supressão, especialmente quando percebem os comportamentos do parceiro como mais negativos e quando os parceiros são mais evitantes. Os indivíduos com um estilo ansioso também utilizaram uma maior supressão das emoções quando os seus parceiros são

evitantes, mas expressaram mais emoções negativas quando o seu parceiro é menos evitante. Uma vez que este estudo foi realizado no âmbito diádico, é claramente visível a forma como o estilo de vinculação evitante num dos parceiros faz aumentar a supressão no outro, principalmente se este também demonstrar uma vinculação insegura.

Também no plano diádico, Mehta, Cowan e Cowan (2009) realizaram um estudo que revela que o comportamento emocional dos participantes foi influenciado pelo estilo seguro do seu parceiro (menor expressão de tristeza durante discussões). Um outro estudo demonstrou que o estilo de vinculação do parceiro modula as respostas emocionais e comportamentais ao *stress* em ambos os membros do casal (Dewitte, De Houwer, Goubert, & Buysse, 2010). Concretamente, tanto em homens como em mulheres, o estilo de vinculação ansioso está relacionado com respostas emocionais, e o estilo de vinculação evitante prediz as respostas subjetivas e comportamentais.

Através duma extensa revisão da literatura, foi possível perceber que ainda existem poucos estudos que relacionem a parentalidade com a regulação emocional do casal. Concretamente, até à data, parecem inexistentes os estudos que relacionem a supressão emocional do casal com as perceções do seu exercício parental. Os estudos focam-se essencialmente na perceção das crianças e adolescentes sobre a regulação emocional dos pais e dos seus comportamentos parentais (e.g., Jaffe, Gullone, & Hughes, 2010; Roth & Assor, 2012) ou na influência das estratégias de regulação emocional dos pais na experiência emocional dos filhos (Gunzenhauser, Fashe, Friedlmeier, & Suchodoletz, 2014; Louie, Lau, & Oh, 2013; Turpyn, Chaplin, Cook, & Martelli, 2015).

Admitindo esta carência de estudos sobre as associações entre a supressão emocional e o exercício da parentalidade e reconhecendo a influência da supressão de emoções nas relações humanas, consideramos pertinente perceber de que forma a supressão emocional medeia a associação entre os estilos de vinculação e a perceção do exercício da parentalidade de ambos os elementos do casal.

## **Capítulo II: Estudo Empírico**

### **1. Objetivos**

No primeiro capítulo começou-se por dar a conhecer a natureza da parentalidade e de que forma diversos autores contribuíram para a explicação dos diferentes processos envolvidos na mesma. Aprofundou-se a literatura sobre as práticas parentais e como estas foram sendo avaliadas para uma melhor compreensão da ideia de parentalidade. Existem vários estudos que enfocam a parentalidade e as suas influências no desenvolvimento das crianças assim como a avaliação de díades mãe-criança. Outros avaliam estilos parentais, no entanto, são poucos os que se centram nas dimensões sobre a parentalidade que pretendemos estudar.

Também se quis perceber de que forma é que a vinculação na idade adulta interfere nas práticas parentais do casal assim como compreender a influência da regulação das emoções. A combinação destas diferentes variáveis demonstrou diversas lacunas. Existem poucos estudos que relacionem dimensões de práticas parentais com a vinculação em idade adulta, principalmente em casais de duplo-emprego. Assim, o objetivo principal deste estudo consiste em perceber de que forma a percepção do exercício da parentalidade (concretamente as dimensões calor, rejeição, apoio à autonomia e coerção) se associam aos estilos de vinculação romântico próprio e do parceiro (efeitos de ator e de parceiro) e possivelmente mediada pela supressão emocional em casais de duplo-emprego, com filhos em idade pré-escolar.

Reconhecendo a relação romântica como um dos contextos mais importantes na idade adulta, parece pertinente a realização duma análise diádica. Analisar as influências recíprocas do casal fornece um conhecimento mais rico das interações dinâmicas assim como perceber de que forma os parceiros contribuem para os resultados individuais e relacionais (Kenny, Kashy, & Cook, 2006).

Quanto às estratégias de regulação emocional, não existem estudos que relacionem qualquer constructo relativo à parentalidade e ao uso de supressão emocional do casal. Marroquín (2011) reconhece a natureza dinâmica e não estática das relações assim como o seu impacto na regulação emocional. Os processos de regulação emocional são responsáveis pela monitorização, avaliação e modificação das reações emocionais para um atingir determinado objetivo (Thompson & Meyer, 2007). Através da supressão emocional os

indivíduos potencializam, mesmo não intencionando fazer, o distanciamento relativamente aos outros. Assim, parece interessante e necessário compreender de que forma supressão emocional medeia as variáveis da vinculação e das práticas parentais no âmbito da relação romântica.

## **2. Hipóteses**

Dos estudos apresentados é notória a ligação dos estilos de vinculação inseguros com práticas parentais pouco sensíveis (maior intrusão/raiva na interação com a criança) e do estilo de vinculação seguro com práticas parentais mais responsivas (Adam et al., 2004; Mills-Koonce et al., 2011). Concretamente, verificou-se que o estilo de vinculação ansioso está associado a comportamentos parentais menos sensíveis e responsivos (Jones et al., 2014; 2015), a um reduzido estilo autorizante e a um aumento do estilo autoritário e permissivo (não havendo diferenças entre mães e pais) (Millings et al., 2013). Desta forma, espera-se encontrar um efeito positivo da vinculação ansiosa na dimensão coerção tanto nos homens (H1a) como nas mulheres (H1b); e um efeito negativo da vinculação ansiosa na dimensão calor nos homens (H2a) e nas mulheres (H2b). De forma idêntica, também o estilo evitante está associado a comportamentos parentais menos sensíveis, responsivos e que fornecem suporte (Jones et al., 2014; 2015), a um reduzido estilo autorizante e a um aumento do estilo autoritário e permissivo (não havendo diferenças entre mães e pais) (Millings et al., 2013). Assim, espera-se encontrar um efeito positivo da vinculação evitante na dimensão rejeição tanto nos homens (H3a) como nas mulheres (H3b); e um efeito negativo da vinculação evitante nas dimensões apoio à autonomia e calor tanto nos homens (H4a e H4b) como nas mulheres (H4c e H4d).

Dos poucos estudos que existem sobre a supressão emocional, foi possível constatar que os homens revelam um maior uso desta estratégia de regulação emocional comparado com as mulheres (Gross & John, 2003). Os estudos que relacionam a supressão emocional com a vinculação na idade adulta revelam uma associação do estilo de vinculação ansioso com a ruminação (Garrison et al., 2014) e a tendência para exagerar as emoções (estratégias de hiperativação) (Shaver & Mikulincer, 2007; 2014) e do estilo de vinculação evitante com uma diminuição de partilha de experiências de *stress* (Garrison et al., 2014) e com a utilização de estratégias de desativação, como é o caso da supressão emocional (Gross & John, 2003; John & Gross, 2007; Shaver & Mikulincer, 2007; 2014; Winterheld, 2016).

Sabendo também que os homens demonstram níveis maiores quanto ao estilo de vinculação evitante e níveis menores quanto ao estilo ansioso (Del Giudice, 2011), espera-se encontrar um efeito negativo da vinculação ansiosa na supressão emocional nas mulheres (H5) e um efeito positivo da vinculação evitante na supressão emocional nos homens (H6).

Apesar de inexistentes os estudos que relacionem a supressão emocional com as dimensões da parentalidade aqui apresentadas, alguns autores realizaram estudos que comprovam algumas consequências do uso da supressão emocional. Uma das consequências sociais refere-se à falta de capacidade para responder adequadamente aos outros (John & Gross, 2004) e a existência de sentimentos de maior *stress*, resultando numa interação social e relacional mais disruptiva (Gross & John, 2003; John & Gross, 2004). Desta forma, espera-se encontrar um efeito positivo da supressão emocional nas dimensões rejeição e coerção tanto nos homens (H7a e H7b) como nas mulheres (H7c e H7d); e um efeito negativo da supressão emocional nas dimensões de apoio à autonomia e calor tanto nos homens (H8a e H8b) como nas mulheres (H8c e H8d).

Os efeitos de parceiro são fundamentais para uma melhor compreensão das dinâmicas emocionais da díade do casal. Klausli e Owen (2011) confirmam que os pais que experienciam mais hostilidade e retirada da sua parceira revelam ser menos sensíveis nas interações com os filhos do que pais que experienciam menos hostilidade e retirada, ocorrendo o mesmo fenómeno com as mães. Sabendo também que um estilo de vinculação evitante é caracterizado por comportamentos mais defensivos e um estilo de vinculação ansioso caracterizado por sentimentos de vulnerabilidade (Shaver & Mikulincer, 2014), espera-se encontrar um efeito positivo da vinculação evitante da mulher nas dimensões rejeição (H9a) e coerção (H9b) do homem; e um efeito positivo da vinculação evitante do homem nas dimensões rejeição (H10a) e coerção (H10b) da mulher. Também se comprovou que pais com um estilo evitante despendem mais tempo a brincar com os filhos quando as mães têm um estilo de vinculação ansioso; e por sua vez, as mães com um estilo de vinculação ansioso despendem mais tempo em tarefas baseadas na proximidade quando os pais têm um estilo de vinculação evitante (Lang et al., 2013). Assim, espera-se encontrar um efeito positivo da vinculação ansiosa da mulher na dimensão calor do homem (H11) e um efeito positivo da vinculação evitante do homem na dimensão calor da mulher (H12).

Mais ainda, um estudo demonstrou que indivíduos com um estilo de vinculação ansioso utilizam níveis mais elevados de supressão quando os parceiros possuem um estilo de vinculação evitante (Winterheld, 2016) o que nos leva a hipotetizar que será encontrado um efeito positivo da vinculação evitante do homem na supressão emocional da mulher

(H13) e um efeito positivo da vinculação ansiosa da mulher na supressão emocional do homem (H14).

Finalmente, devido aos estudos inexistentes que relacionam estas variáveis através de metodologia diádica, os efeitos de mediação possuem um carácter essencialmente exploratório. Assim, espera-se encontrar um efeito de mediação da supressão emocional na associação entre vinculação e as dimensões apoio à autonomia, calor, rejeição e coerção.

### **3. Método**

#### **3.1 Participantes e procedimento.**

A amostra é constituída por 276 participantes que mantêm uma relação em que ambos os membros do casal trabalham (casais de duplo-emprego) e com, pelo menos, um filho em idade pré-escolar. De ressaltar que a amostra está dividida equitativamente consoante o sexo dos participantes ( $n = 138$  homens, 50%;  $n = 138$  mulheres, 50%), formando um casal.

Os presentes dados foram recolhidos no âmbito do Projeto (RE)CONCILIAR: Impacto de Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/MHC-CED/5218/2012), que procura compreender o impacto das dinâmicas de trabalho e família na parentalidade e no desenvolvimento das crianças. O projeto teve a aprovação da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Assim sendo, os indivíduos foram contactados através do jardim-de-infância de um dos filhos, no distrito do Porto. Depois de pedida a devida autorização nas instituições, foram explicados os objetivos do estudo, salientando-se a sua natureza voluntária e garantida a confidencialidade e anonimato das respostas. Foi fornecido um consentimento informado aos que aceitaram participar. Pediu-se às educadoras de cada instituição que entregassem os protocolos a preencher pelo casal, juntamente com dois envelopes abertos, devidamente identificados. Foi explicado que o casal deveria preencher os protocolos separadamente e devolvidos no envelope de origem, mas desta vez selados. Como compensação pela participação no estudo, cada casal recebeu um vale de 30€ para gastar em compras num hipermercado.

Os participantes têm idades compreendidas entre os 23 e os 51 anos, inclusive ( $M = 36.26$ ,  $DP = 4.33$ ). Quanto ao estado civil, 83.6% são casados, encontrando-se os restantes em união de facto (15.3%) e solteiros (1.1%). Em média, os participantes estão casados há

114.71 meses ( $DP = 45.21$ ) e em união de facto há 101.98 meses ( $DP = 51.91$ ). Quanto às habilitações académicas verifica-se que 37.9% dos participantes são licenciados, 29.7% completaram o ensino secundário (12º ano), 18.2% o ensino básico (9º ano), 4.1% o 2º ciclo (6º ano) assim como o grau de mestrado, 3.3% possui bacharelato, 1.5% doutoramento e 1.1% pós-graduação. O número de filhos varia entre 1 ( $n = 144$ ; 52.2%) e 3 ( $n = 8$ ; 2.9%), perfazendo uma média de 1.51 filhos ( $DP = 0.56$ ). Em média, os participantes despendem, à semana 9.9 horas ( $DP = 7.23$ ) em atividades conjuntas com a criança e 16.70 horas ( $DP = 8.98$ ) ao fim-de-semana. Sobre o temperamento da criança, numa escala em que 1 corresponde a “ *muito fácil*” e 6 a “ *muito difícil*”, 30% classifica como nível 2, 26.2% como nível 3, 21.1% como nível 4, 11% como nível 1 e 5, e 0.8% como nível 6. Relativamente ao trabalho, a maioria trabalha a tempo inteiro (93%). Em média, trabalham 40.78 horas semanais ( $DP = 9.38$ ), com horário fixo (66.8%).

### **3.2 Instrumentos.**

#### ***Questionário Sociodemográfico***

A utilização deste questionário teve como finalidade a recolha de dados sociodemográficos dos participantes, como a idade, escolaridade e habilitações académicas. Recolheram-se também dados relativos à criança em idade pré-escolar (e.g., número de filhos, temperamento da criança, número de horas de atividades conjuntas) e ao domínio do trabalho (e.g., situação profissional, número de horas semanais, horário e regime de trabalho).

#### ***Parents as Social Context Questionnaire (PASCQ) – Parent-Report***

Para avaliar as práticas parentais utilizou-se o instrumento de autorrelato PASCQ (versão pais). Inicialmente desenvolvida por Skinner, Wellborn e Regan (1986), esta escala foi alvo de uma análise quanto à dimensionalidade de características da parentalidade. Skinner e colaboradores (2005; versão para investigação de Lemos e Cadima, s/d) pretendiam mostrar que as dimensões calor, rejeição, estrutura, caos, apoio à autonomia e coerção são melhor representadas por dimensões múltiplas (unipolares) ao invés de dimensões bipolares.

Cada uma das seis dimensões é composta por cinco itens (e.g., “Confio no meu filho/ a minha filha”) e as respostas são avaliadas através de uma escala de quatro pontos em que (1) corresponde a “*nada verdade*” e (4) a “*muito verdade*”. Quanto à consistência interna obtiveram-se valores entre  $\alpha = .62$  e  $\alpha = .74$  para os homens e valores entre  $\alpha = .61$  e  $\alpha = .82$

para as mulheres. No presente estudo, verificaram-se valores baixos para homens e mulheres nas dimensões estrutura ( $\alpha = .63$ ,  $\alpha = .71$ ), e caos ( $\alpha = .58$ ,  $\alpha = .64$ ), e valores aceitáveis nas dimensões calor ( $\alpha = .66$ ,  $\alpha = .78$ ), rejeição ( $\alpha = .68$ ,  $\alpha = .68$ ), apoio à autonomia ( $\alpha = .67$ ,  $\alpha = .75$ ) e coerção ( $\alpha = .67$ ,  $\alpha = .71$ ), respetivamente. Desta forma, foram utilizadas apenas as últimas quatro dimensões referidas, depois de garantida a validação dos quatro constructos latentes com uma análise fatorial confirmatória ( $\chi^2/df = 2.401$ ; GFI = .868; CFI = .859; RMSEA = .071). De salientar que, para esta análise, foram utilizados metade dos participantes masculinos e metade dos participantes femininos sem relação entre si (ou seja, não casais) de forma a garantir a independências dos dados.

### ***Experiences in Close Relationship – Relationship Structures Questionnaire (ECR-RS)***

Para avaliar a vinculação ao par romântico foi utilizado o instrumento ECR-RS que integra as subescalas *ansiedade* (e.g., “Preocupo-me frequentemente que o meu companheiro não goste realmente de mim”) e *evitamento* (e.g., “Prefiro não mostrar ao meu companheiro como me sinto lá no fundo”) (Fraley, Heffernan, Vicary, & Brumbaugh, 2011; adaptação portuguesa de Moreira, Martins, Gouveia, & Canavarro, 2014). Com este instrumento os autores pretendiam avaliar as diferenças individuais na vinculação em diferentes contextos relacionais e assim colmatar as lacunas dos instrumentos já existentes que consideravam ser ambíguos, restritivos, longos e incapazes de avaliar variações nos contextos relacionais. Fraley e colaboradores (2011) realizaram uma nova versão do questionário ECR-RS que avalia as dimensões *ansiedade* e *evitamento* em quatro tipos de relacionamentos (mãe, pai, parceiro romântico e melhor amigo). Cada domínio contém nove itens, sendo três itens para a dimensão *ansiedade* (que avalia o medo de rejeição interpessoal ou abandono) e seis itens para a dimensão *evitamento* (que avalia o medo de dependência e intimidade interpessoal). No presente estudo, os participantes responderam apenas ao questionário referente à relação romântica.

As respostas são avaliadas através de uma escala de sete pontos em que (1) corresponde a “*discordo totalmente*” e (7) a “*concordo totalmente*”. Quanto às qualidades psicométricas no domínio da relação romântica, é possível observar uma consistência interna com valores de  $\alpha = .83$  para a escala da *ansiedade* e  $\alpha = .81$  para a escala do *evitamento* e uma boa validade de constructo uma vez que as medidas de vinculação romântica estão relacionadas com aspetos do funcionamento da relação (e.g., satisfação, compromisso, investimento). No presente estudo utilizaram-se os nove itens desta escala obtendo-se uma



consistência interna para homens e mulheres com valores de  $\alpha = .82$  e  $\alpha = .87$  para a escala *ansiedade* e  $\alpha = .74$  e  $\alpha = .75$  para a escala *evitamento*, respetivamente.

### ***Emotion Regulation Questionnaire (ERQ)***

Para avaliar a supressão emocional utilizou-se a ERQ. Construída por Gross e John (2003; adaptação portuguesa de Vaz, 2009; Vaz & Martins, 2008), esta medida de autorrelato é composta por dez itens e pretende avaliar a utilização de estratégias de regulação emocional do indivíduo. Num total de cinco estudos, os autores pretendiam perceber as diferenças individuais no uso da reavaliação e supressão emocional assim como as suas consequências em diferentes domínios (e.g., bem-estar pessoal). Para este estudo foram apenas utilizados os quatro itens correspondentes à subescala da *supressão emocional* (e.g., “Guardo as minhas emoções para mim próprio”).

As respostas são avaliadas através de uma escala de sete pontos em que (1) corresponde a “*discordo totalmente*” e (7) a “*concordo totalmente*”. Em termos de consistência interna da subescala supressão emocional os autores encontraram níveis satisfatórios ( $\alpha = .73$ ), assim como de confiabilidade teste-reteste (.69). No presente estudo também foram encontrados valores satisfatórios para homens e mulheres ( $\alpha = .70$ ;  $\alpha = .79$ ).

## **4. Procedimentos de Análise**

Para analisar as relações entre as diferentes variáveis, confirmou-se a aleatoriedade dos dados omissos ( $p > .05$ ) e procedeu-se à imputação dos valores através do procedimento estatístico *Expectation Maximization*.

Foi utilizado o modelo *Actor-Partner Interdependence Mediation Model* (APIMeM) para a realização da análise dos efeitos de ator e parceiro. Trata-se de uma abordagem diádica analítica concebida para medir a interdependência dos dados, ou seja, as observações de dois indivíduos que formam a díade estão ligadas ou correlacionadas de tal forma que o conhecimento de uma pontuação fornece informações sobre a observação do outro parceiro da díade (Kenny et al., 2006). No presente estudo podem-se encontrar 14 variáveis manifestas (sete por elemento da díade) uma vez que se referem a variáveis diretamente observadas. Pretende-se testar a associação entre a vinculação (ansiosa e evitante) e as dimensões calor, apoio à autonomia, rejeição e coerção, sendo as primeiras duas variáveis independentes e as restantes variáveis dependentes. Mais ainda, procura-se testar o papel

mediador da supressão emocional nestas mesmas variáveis, sempre em ambos os membros do casal. Os modelos foram testados através do Método da Máxima Verosimilhança no programa AMOS 22.

Para o procedimento das análises foram testados dois modelos independentes. No primeiro (Modelo A) utilizaram-se as variáveis independentes vinculação evitante e vinculação ansiosa, as variáveis dependentes calor e rejeição e a mediadora supressão emocional. No segundo (Modelo B) utilizaram-se as variáveis independentes vinculação evitante e vinculação ansiosa, as variáveis dependentes apoio à autonomia e coerção e a mediadora supressão emocional. Esta divisão foi realizada por questões de poder estatístico, tendo-se optado por preservar em cada modelo as variáveis da parentalidade que supostamente poderiam constituir variáveis bipolares (Skinner et al., 2005).

É fundamental avaliar a qualidade do ajustamento dos modelos para ser possível perceber quão bem o modelo teórico reproduz a estrutura correlacional das variáveis (Marôco, 2014). Conforme recomenda Schweizer (2010), os modelos foram ajustados utilizando o rácio entre  $\chi^2/\text{gl}$ , o *comparative fit index* (CFI) e o *root mean square error of approximation* (RMSEA). Um bom ajustamento do modelo é verificado quando o rácio  $\chi^2/\text{gl}$  é menor que 2 e aceitável quando o rácio  $\chi^2/\text{gl}$  é menor que 3; valores de CFI entre .90 e .95 significam um ajustamento aceitável e entre .95 e 1.00 significam um bom ajustamento; valores RMSEA inferiores a .08 indicam um ajustamento de modelo aceitável e abaixo de .05 indicam um bom ajustamento (Schweizer, 2010).

Para analisar o papel mediador da supressão emocional foi testada a significância dos efeitos indiretos através do procedimento de *bootstrapping* (MacKinnon, Lockwood, & Williams, 2004; MacKinnon, Lockwood, Hoffman, West, & Sheets, 2002). Concretamente, a amostra foi repetida 2000 vezes e foram calculados os intervalos de confiança a 95%. Um dado efeito indireto é significativo se o valor de zero não estiver contido no intervalo de confiança.

### Capítulo III: Apresentação de Resultados

Através da Tabela 1 e 2 é possível observar correlações de Pearson, médias, desvios padrão, teste-t para amostras emparelhadas e tamanhos de efeitos de todas as variáveis, tanto para homens como para mulheres. Verificou-se a existência de correlações de ator significativas entre todas as variáveis do homem. Concretamente, encontram-se correlações negativas significativas entre a variável vinculação evitante e as variáveis apoio à autonomia e calor; entre a variável vinculação ansiosa e as variáveis apoio à autonomia e calor; entre a variável supressão emocional e as variáveis apoio à autonomia e calor; entre a variável apoio à autonomia e as variáveis coerção e rejeição; entre a variável coerção e a variável calor; e entre a variável calor e a variável rejeição. As restantes correlacionam-se positivamente.

Também se verificam correlações de ator significativas relativas à mulher. A variável vinculação evitante correlaciona-se positivamente com todas as variáveis, com exceção da percepção de apoio à autonomia e do calor que apresentam correlações negativas. A variável vinculação ansiosa apenas se correlaciona positivamente com a supressão emocional e a rejeição; e a variável supressão emocional apenas com a coerção e a rejeição. A variável apoio à autonomia correlaciona-se positivamente com a variável calor e negativamente com a variável rejeição. A variável coerção correlaciona-se negativamente com a variável calor e negativamente com a variável rejeição. Finalmente, correlaciona-se negativamente a variável calor com a variável rejeição.

Relativamente às correlações de parceiro, encontram-se correlações positivas significativas entre as variáveis vinculação evitante, vinculação ansiosa e supressão emocional do homem com as variáveis vinculação evitante, vinculação ansiosa e supressão emocional da mulher. A variável vinculação ansiosa do homem correlaciona-se negativamente com as variáveis apoio à autonomia e calor e positivamente com a variável rejeição da mulher. A variável apoio à autonomia correlaciona-se positivamente entre homem e mulher. A percepção de coerção do homem correlaciona-se significativamente com todas as variáveis da mulher, exceto a vinculação ansiosa (sendo negativamente correlacionada com as variáveis apoio à autonomia e calor). A variável calor do homem correlaciona-se negativamente com as variáveis vinculação evitante, coerção e rejeição da mulher e positivamente com a variável apoio à autonomia. Finalmente, encontram-se correlações positivas entre a variável rejeição do homem com a variável vinculação evitante, supressão emocional e rejeição da mulher.

Através destes resultados é possível observar que todas as variáveis referentes ao homem estão correlacionadas entre si na direção esperada, variando entre  $-.536$  e  $.545$ . No que concerne às mulheres, não se encontraram correlações entre a variável vinculação ansiosa e as dimensões de apoio à autonomia, coerção e calor; entre a variável supressão emocional e as dimensões apoio à autonomia e calor; e entre as dimensões apoio à autonomia e coerção. No entanto, as variáveis que se encontram significativamente correlacionadas estão na direção esperada, variando a magnitude entre  $-.542$  e  $.567$ .

Encontram-se correlações positivas significativas e na direção esperada em todas as correlações diádicas, ou seja, entre homem e mulher, com a exceção da dimensão calor, o que nos indica a existência de interdependência entre elas. Finalmente, fazendo uma observação às variáveis dos efeitos de parceiro, é possível encontrar correlações positivas significativas entre as dimensões apoio à autonomia da mulher com a dimensão calor do homem; e entre a dimensão rejeição da mulher com a dimensão coerção do homem.

Tabela 1

*Correlações de Pearson entre vinculação evitante, vinculação ansiosa, supressão emocional, apoio à autonomia, coerção, calor e rejeição*

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.
1. Vinculação Evitante (H)	1													
2. Vinculação Ansiosa (H)	.254**	1												
3. Supressão Emocional (H)	.531**	.330**	1											
4. Apoio à Autonomia (H)	-.364**	-.174*	-.195*	1										
5. Coerção (H)	.201*	.224**	.219**	-.259**	1									
6. Calor (H)	-.354**	-.244**	-.203*	.438**	-.383**	1								
7. Rejeição (H)	.407**	.307**	.380**	-.346**	.545**	-.536**	1							
8. Vinculação Evitante (M)	.329**	.172*	.247**	-.147	.226**	-.235**	.228**	1						
9. Vinculação Ansiosa (M)	.206*	.320**	.298**	-.051	.092	-.140	.137	.304**	1					
10. Supressão Emocional (M)	.290**	.197*	.370**	-.126	.178*	-.149	.335**	.558**	.293**	1				
11. Apoio à Autonomia (M)	-.015	-.260**	-.085	.217*	-.222**	.209*	-.077	-.180*	-.083	-.082	1			
12. Coerção (M)	.020	-.018	.008	.037	.368**	-.196*	.129	.262**	.144	.236**	-.126	1		
13. Calor (M)	.064	-.188*	-.045	.095	-.250**	.159	-.139	-.171*	-.064	-.142	.567**	-.267**	1	
14. Rejeição (M)	.156	.220**	.107	-.158	.239**	-.217*	.313**	.361**	.245**	.339**	-.317**	.472**	-.542**	1

*Nota.* H = homens; M = mulheres. As correlações diádicas aparecem com o fundo a cinza.

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$

Nesta amostra, os homens apresentam valores mais elevados quanto à vinculação ansiosa ( $M = 9.07$ ,  $DP = 5.29$ ) do que as mulheres ( $M = 7.39$ ,  $DP = 4.79$ ,  $t(137) = 3.342$ ,  $p = .001$ ). Também na supressão emocional os homens obtiveram valores mais elevados ( $M = 13.21$ ,  $DP = 5.08$ ) do que as mulheres ( $M = 10.88$ ,  $DP = 5.68$ ,  $t(137) = 4.516$ ,  $p < .001$ ). As mulheres apresentam valores mais elevados na variável apoio à autonomia ( $M = 18.69$ ,  $DP = 1.77$ ) comparativamente aos homens ( $M = 18.04$ ,  $DP = 1.83$ ,  $t(137) = -3.368$ ,  $p = .001$ ). Igualmente, obtiveram valores mais elevado na variável calor ( $M = 17.61$ ,  $DP = 2.08$ ) em relação aos homens ( $M = 17.10$ ,  $DP = 1.89$ ,  $t(137) = -2.320$ ,  $p = .022$ ). Destes resultados destaca-se que, em todos os casos, a magnitude da diferença das médias é considerada média (Cohen, 1988).

Tabela 2

*Diferenças de Teste-T para amostras emparelhadas e tamanho de efeito*

	Média	DP	<i>t</i>	gl	<i>p</i>	<i>d</i>
1. Vinculação Evitante (H)	10.99	4.77	1.517	137	.132	0.15
2. Vinculação Evitante (M)	10.27	4.97				
3. Vinculação Ansiosa (H)	9.07	5.29	3.342	137	.001	0.33
4. Vinculação Ansiosa (M)	7.39	4.79				
5. Supressão Emocional (H)	13.21	5.08	4.516	137	< .001	0.43
6. Supressão Emocional (M)	10.88	5.68				
7. Apoio à Autonomia (H)	18.04	1.83	-3.368	137	.001	-0.36
8. Apoio à Autonomia (M)	18.69	1.77				
9. Coerção (H)	10.83	2.62	-.238	137	.812	-0.02
10. Coerção (M)	10.89	2.76				
11. Calor (H)	17.10	1.89	-2.320	137	.022	-0.26
12. Calor (M)	17.61	2.08				
13. Rejeição (H)	9.29	2.49	.335	137	.738	0.03
14. Rejeição (M)	9.21	2.42				

*Nota.* H = homens; M = mulheres

Quanto às análises APIMeM, o procedimento foi realizado como se descreve anteriormente. De seguida, serão apresentados os resultados dos dois modelos propostos.

## 1. Modelo A

O Modelo A (Figura 1) ajusta-se adequadamente aos dados ( $\chi^2(3) = 3.838$ ;  $p = .280$ ;  $\chi^2/\text{gl} = 1.279$ ; CFI = .997; RMSEA = .045). O modelo explica 26.7% da variância da rejeição do homem, 19.4% da rejeição da mulher, 16.5% do calor do homem e 8.7% do calor da mulher.

Através da Tabela 3 podem-se encontrar os efeitos diretos significativos. Concretamente, no homem a vinculação ansiosa e a vinculação evitante associam-se positivamente à sua supressão emocional ( $\beta = .165$ ;  $p = .165$ ;  $\beta = .451$ ;  $p < .001$ ). Também nas mulheres a vinculação evitante se associa positivamente à sua supressão emocional ( $\beta = .485$ ;  $p < .001$ ). O evitamento do homem associa-se positivamente à sua perceção de rejeição ( $\beta = .248$ ;  $p = .005$ ). A supressão emocional da mulher associa-se positivamente à sua perceção de rejeição ( $\beta = .194$ ;  $p = .045$ ) e à perceção de rejeição que o companheiro tem ( $\beta = .203$ ;  $p = .028$ ). O evitamento do homem associa-se positivamente com a perceção de calor dela ( $\beta = .198$ ;  $p = .047$ ), mas negativamente com a sua perceção de calor ( $\beta = -.293$ ;  $p = .002$ ). A vinculação ansiosa do homem está associada negativamente com a perceção de calor da mulher ( $\beta = -.198$ ;  $p = .027$ ) e positivamente com a sua perceção de rejeição ( $\beta = .184$ ;  $p = .022$ ). Finalmente, o evitamento da mulher está positivamente associado à sua perceção de rejeição ( $\beta = .215$ ;  $p = .025$ ).

Testando os efeitos indiretos, verificou-se que a supressão emocional atua positivamente como mediadora na associação entre o evitamento da mulher e a perceção de rejeição do homem por via da supressão emocional do homem e da mulher ( $\beta = .102$ ; SE = .058; 95% CI = .005 a .228;  $p = .045$ ).

Tabela 3

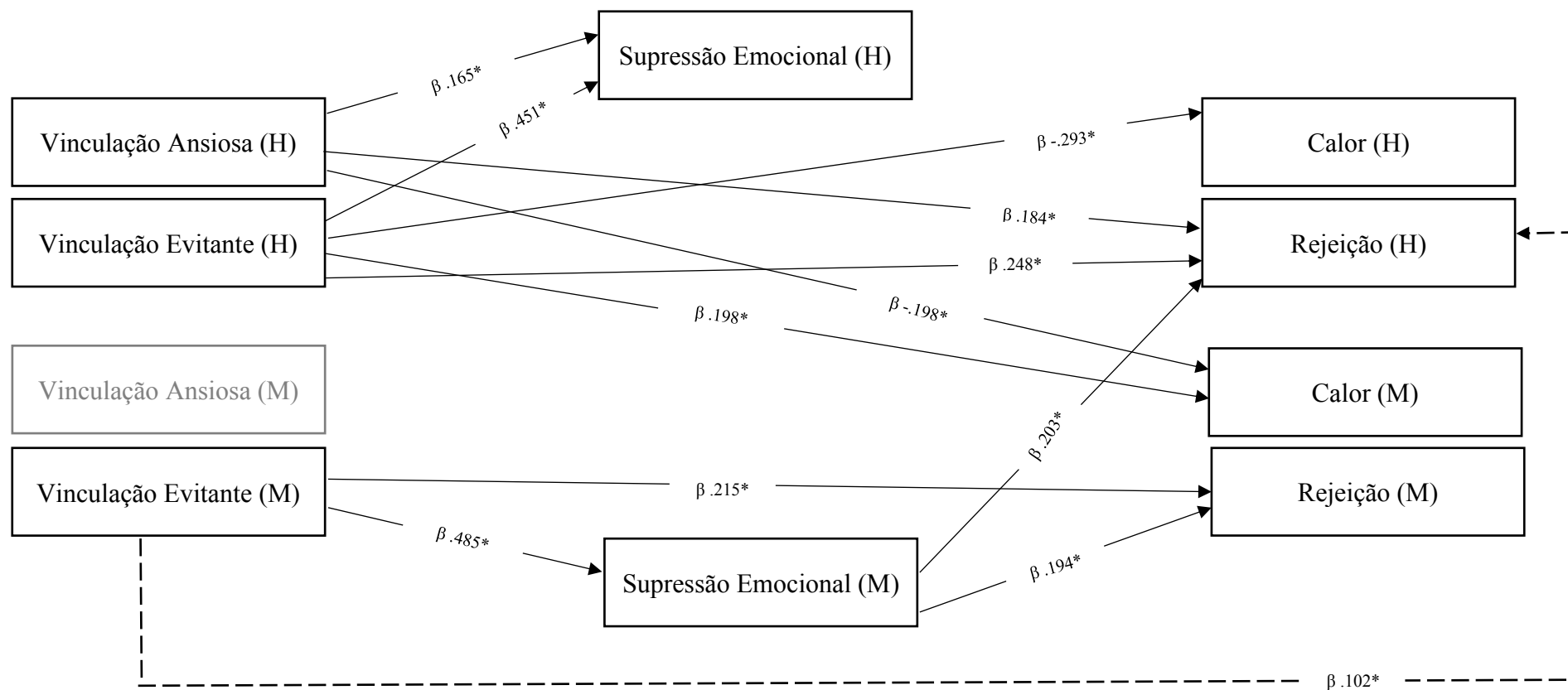
*Coefficientes significativos para o Modelo A*

Efeito	<i>B</i>	<i>SE</i>	$\beta$	<i>p</i>
Vinculação Ansiosa (H) → Supressão Emocional (H)	.158	.072	.165	.028
Vinculação Evitante (M) → Supressão Emocional (M)	.555	.087	.485	< .001
Vinculação Evitante (H) → Supressão Emocional (H)	.481	.080	.451	< .001
Vinculação Ansiosa (H) → Rejeição (H)	.086	.038	.184	.022
Supressão Emocional (M) → Rejeição (H)	.089	.040	.203	.028
Supressão Emocional (M) → Rejeição (M)	.083	.041	.194	.045
Vinculação Evitante (H) → Rejeição (H)	.129	.047	.248	.005
Vinculação Evitante (H) → Calor (H)	-.116	.038	-.293	.002
Vinculação Evitante (H) → Calor (M)	.086	.044	.198	.047
Vinculação Ansiosa (H) → Calor (M)	-.078	.035	-.198	.027
Vinculação Evitante (M) → Rejeição (M)	.104	.047	.215	.025



Figura 1

*Efeitos diretos e indiretos da vinculação evitante, vinculação ansiosa, supressão emocional, calor e rejeição – Modelo A*



Nota. H = homens; M = mulheres. As setas a negrito indicam os efeitos diretos significativos e as setas a tracejado indicam os efeitos indiretos significativos.

\*  $p < .05$

## 2. Modelo B

O Modelo B (Figura 2) ajusta-se adequadamente aos dados ( $\chi^2(3) = 4.701$ ;  $p = .195$ ;  $\chi^2/\text{gl} = 1.567$ ; CFI = .993; RMSEA = .064). O modelo explica 14.4% da variância do apoio à autonomia do homem, 10.4% da coerção do homem, 10.1% da coerção da mulher e 9.9% do apoio à autonomia da mulher.

Através da Tabela 4 podem-se encontrar os efeitos diretos significativos. Três dos efeitos encontrados são idênticos aos do Modelo A uma vez que existem três variáveis que se repetem. Especificamente, o homem com vinculação ansiosa e com vinculação evitante associa-se positivamente à sua supressão emocional ( $\beta = .165$ ;  $p = .165$ ;  $\beta = .451$ ;  $p < .001$ ); e as mulheres com vinculação evitante associam-se positivamente à sua supressão emocional ( $\beta = .485$ ;  $p < .001$ ). A vinculação ansiosa dos homens associa-se negativamente à percepção que a mulher tem do apoio à autonomia ( $\beta = -.263$ ;  $p = .003$ ). O evitamento do homem associa-se negativamente à sua percepção de apoio à autonomia ( $\beta = -.346$ ;  $p < .001$ ) e o evitamento da mulher associa-se negativamente à sua percepção de apoio à autonomia ( $\beta = -.205$ ;  $p = .043$ ).

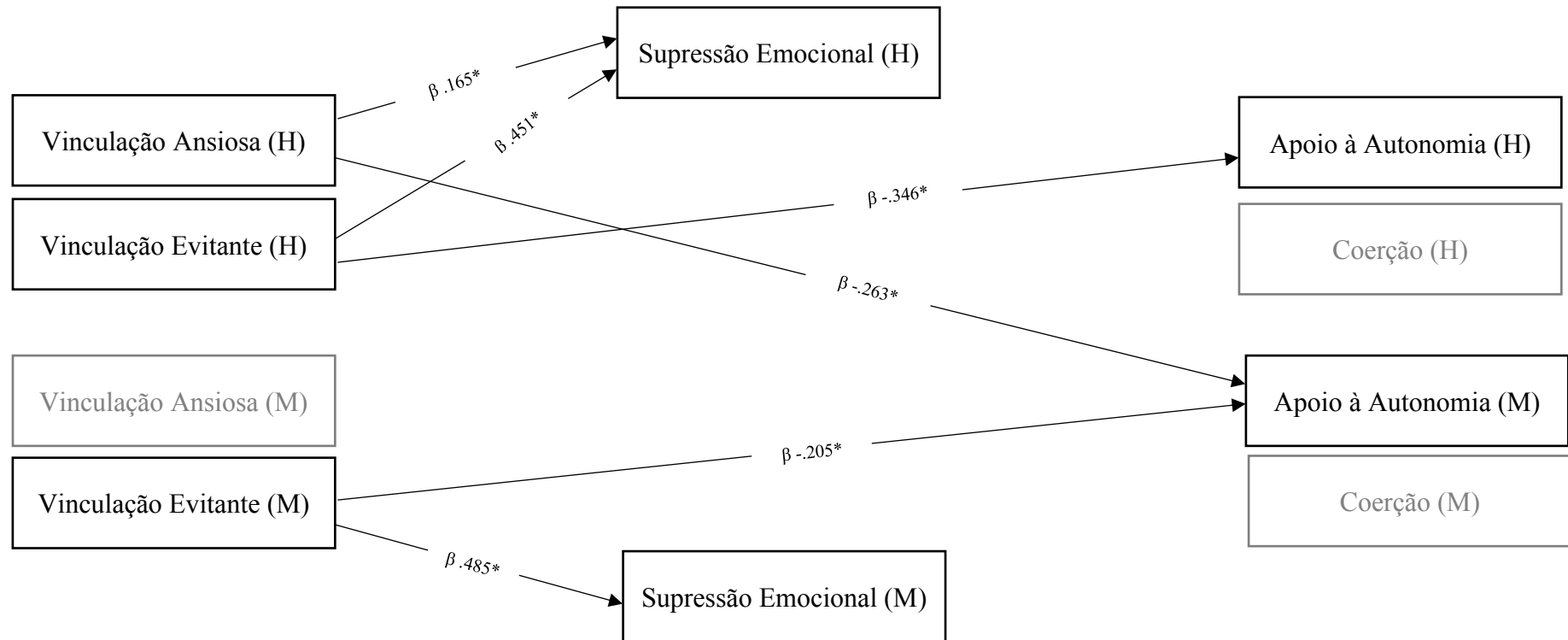
Tabela 4

*Coefficientes significativos para o Modelo B*

Efeito	<i>B</i>	<i>SE</i>	$\beta$	<i>p</i>
Vinculação Ansiosa (H) → Supressão Emocional (H)	.158	.072	.165	.028
Vinculação Evitante (M) → Supressão Emocional (M)	.555	.087	.485	< .001
Vinculação Evitante (H) → Supressão Emocional (H)	.481	.080	.451	< .001
Vinculação Ansiosa (H) → Apoio à Autonomia (M)	-.088	.030	-.263	.003
Vinculação Evitante (H) → Apoio à Autonomia (H)	-.133	.037	-.346	< .001
Vinculação Evitante (M) → Apoio à Autonomia (M)	-.073	.036	-.205	.043

Figura 2

*Efeitos diretos da vinculação evitante, vinculação ansiosa, supressão emocional, apoio à autonomia e coerção – Modelo B*



Nota. H = homens; M = mulheres. As setas a negrito indicam os efeitos diretos significativos.

\*  $p < .05$

## Capítulo IV: Discussão dos Resultados

### 1. Discussão dos Resultados Apresentados

O principal objetivo deste estudo consistiu em analisar os efeitos (de ator e de parceiro) da vinculação romântica e da supressão emocional de ambos os membros em dimensões da parentalidade de casais de duplo-emprego. De uma forma geral, os resultados encontrados suportam algumas das hipóteses levantadas e outros revelam-se inesperados, mas não menos interessantes para a investigação científica que se pretende realizar.

Relativamente aos efeitos de ator entre a vinculação e as dimensões da parentalidade e, ao contrário do que se esperava, não foram encontrados efeitos positivos da vinculação ansiosa na percepção de coerção (H1a e H1b) nem efeitos negativos da vinculação ansiosa na percepção de calor (H2a e H2b). Todavia observou-se uma associação positiva entre a vinculação ansiosa do homem e a sua percepção de rejeição. Apesar de as evidências científicas serem mais consistentes quanto à ligação da vinculação evitante com comportamentos parentais insensíveis, é possível também referir estudos que encontraram resultados com a vinculação ansiosa (Jones et al., 2014; 2015). Sabe-se que a vinculação romântica ansiosa é caracterizada pelo desejo de proximidade à figura de vinculação. É numa situação de *stress* que o sistema de vinculação é ativado e, quando a figura está indisponível, provoca sentimentos de insegurança. É possível que estes pais ansiosos vejam o cuidado com o(s) filho(s) como uma situação ameaçadora, tendo dificuldade em lidar com a mesma. Tomando um olhar mais atento para os itens da dimensão rejeição, é possível perceber que esta retrata percepções como “não compreendo muito bem o meu filho” ou “por vezes as exigências do meu filho são um fardo”. Estes pais podem estar mais centrados em si próprios e em lidar com a hiperativação do seu sistema emocional, não estando tão disponíveis para aceitar e compreender os seus filhos, tornando-se mais rejeitantes. Também não sabemos se as influências do estilo de vinculação da parceira fazem com que este comportamento seja exacerbado (se, por exemplo, a parceira possuir características mais evitantes).

Conforme esperado, foi observar um efeito positivo da vinculação evitante na percepção de rejeição no exercício da parentalidade, tanto nos homens como nas mulheres (H3a e H3b). Também se verificou que os homens quanto mais evitantes, menos se

percecionam como apoiantes e calorosos na sua prática parental (H4a e H4b). A literatura demonstra que este estilo de vinculação está ligado a comportamentos parentais menos sensíveis, responsivos e fornecedores de suporte (Jones et al., 2014; 2015) assim como estando ligado a um estilo mais autoritário e permissivo, não havendo diferenças de género (Millings et al., 2013). No primeiro, os pais demonstram mais distância e no estilo permissivo revelam um evitamento de problemas comportamentais (Baumrind, 1966). No entanto, nas mulheres apenas se verifica a vinculação evitante negativamente associada à percepção que tem do seu apoio à autonomia (H4c), não se confirmando a hipótese da associação do estilo evitante com a percepção de calor (H4d). Como já foi referido anteriormente, os autores utilizam diversos instrumentos para avaliar as mais variadas dimensões ou tipologias referentes à parentalidade. É possível que os itens referentes ao calor (e.g., “Eu sei bastante bem o que se passa com o meu filho”) tenham sido interpretados pelas mães como comportamentos mais objetivos e não tão ligados à emocionalidade subjacente, como é o caso da dimensão apoio à autonomia (e.g., “Encorajo o meu filho a expressar os seus sentimentos”).

Ao contrário do esperado verificou-se uma associação positiva entre a vinculação ansiosa do homem e a sua supressão emocional quando se esperaria este resultado nas mulheres (H5). Como é sabido, pessoas com vinculação ansiosa tendem a utilizar estratégias de hiperativação (Mikulincer & Shaver, 2004; 2007). Uma explicação para este resultado pode estar relacionada com o facto de estes homens apresentarem dificuldades em perceber os seus próprios sentimentos e não tanto com o facto de os demonstrarem ou não ao outro. Nos estudos de Mallinckrodt e Wei (2005) e Thornerg e colaboradores (2011) também se verificam associações negativas entre a vinculação ansiosa e a consciência emocional (negativamente associada à alexitimia) e positivas entre a vinculação ansiosa e a alexitimia. Estas evidências demonstram a importância que as características pessoais dos participantes têm para os resultados, seja ao nível do reconhecimento e consciência das emoções ou da sua comunicação com o outro.

Sabendo que os homens apresentam maiores níveis de vinculação evitante (Del Giudice, 2011) e que este mesmo estilo está associado a estratégias de desativação como a supressão emocional (Gross & John, 2003; John & Gross, 2007; Shaver & Mikulincer, 2007; 2014; Winterheld, 2016), era esperada uma associação positiva da vinculação evitante e a supressão emocional nos homens (H6). Este mesmo resultado também se verificou para as mulheres. Apesar de não ser um resultado tão esperado devido à literatura que afirma a preponderância do estilo ansioso nas mulheres, existem evidências

da associação de estilos de vinculação inseguros com a supressão de expressões de raiva também nas mulheres (Liu et al., 2011).

Na medida em que são praticamente inexistentes os estudos que relacionem a supressão emocional com as dimensões da parentalidade aqui apresentadas, considerou-se relevante explorar estes efeitos. Efetivamente, não se confirmaram as hipóteses quanto à associação positiva entre a supressão emocional e a percepção de rejeição e coerção (H7a, H7b e H7d) e à associação negativa entre a supressão emocional e a percepção de apoio à autonomia e calor (H8a, H8b, H8c e H8d). No entanto foi encontrado um efeito positivo da supressão emocional da mulher na sua percepção de rejeição (H7c) e um efeito de parceiro também positivo da supressão emocional da mulher na percepção de rejeição do homem. Como apresentam John e Gross (2004), o uso da supressão emocional tem como consequência a falta de capacidade para responder adequadamente aos outros e a existência de maior *stress* resultando em custos a nível interpessoal. Se atentarmos em alguns dos itens da dimensão rejeição (e.g., “O meu filho precisa de mais tempo do que eu lhe posso dar” e “Não tenho disponibilidade quando o meu filho precisa de mim”), é possível perceber que esta consequência a nível social pode muito bem relacionar-se com a forma como os pais exercem a sua parentalidade, influenciando-a negativamente. Um estudo de Le e Impett (2016) revela um resultado interessante e que vai ao encontro do que foi referido. Este evidencia que os pais que reportam maior supressão de emoções negativas sentem-se menos responsivos às necessidades da criança nas experiências de *caregiving*. Os efeitos de parceiro são menos estudados, mas pode-se tentar interpretar este resultado como a percepção que o homem tem da indisponibilidade da parceira para fornecer apoio nas exigências da parentalidade. Não deixa de ser interessante que, mais uma vez, existem mais efeitos significativos da supressão emocional nas mulheres.

Quanto aos efeitos de parceiro, na sua maioria, as hipóteses colocadas não se confirmaram. Concretamente, não se verificaram efeitos da vinculação evitante da mulher na rejeição e coerção do homem (H9a e H9b); da vinculação evitante do homem na rejeição e coerção da mulher (H10a e H10b); da vinculação ansiosa da mulher no calor do homem (H11); da vinculação evitante do homem na supressão emocional da mulher (H13); e da vinculação ansiosa da mulher na supressão emocional do homem (H14). Ainda assim, confirma-se a hipótese colocada quanto ao efeito positivo do evitamento do homem na percepção que a mulher tem do seu calor (H12). Apesar dos estudos sobre efeitos de parceiro serem escassos, um estudo de Lang e colaboradores (2013) avalia o casal enquanto díade testando os efeitos da vinculação romântica com o envolvimento

parental. Um dos resultados demonstra que, quando os pais possuem um estilo mais evitante, as mães despendem mais tempo em tarefas de envolvimento baseadas na proximidade (e.g., abraçar ou ouvir a criança). Este comportamento é idêntico aos retratados na dimensão calor (e.g., “Faço coisas especiais com o meu filho” ou “Reservo tempo para falar com o meu filho”). Numa tentativa de explicar este resultado, o facto de o homem possuir características de maior distanciamento para com a sua parceira, pode fazer com que esta se disponibilize mais para uma relação próxima com o(s) filho(s).

Dois resultados que não seriam esperados, mas não menos interessantes, referem-se à associação negativa entre a vinculação ansiosa do homem e a percepção que a mulher tem do seu calor e apoio à autonomia. Ou seja, quanto mais ansioso é o homem, menos a mulher se percebe como calorosa e apoiante para com o(s) seu(s) filho(s). Apesar de não existirem investigações que confirmem estas hipóteses, analisando a literatura existente sobre a vinculação ansiosa, sabemos que esta é caracterizada pelo desejo de proximidade, proteção e pela preocupação com a relação amorosa (Mikulincer & Shaver, 2004; 2007). Pensando na prática do casal no seu dia-a-dia, se a mulher tiver um parceiro com estas características, pode experienciar exaustão a nível emocional pelas exigências que advêm do parceiro e, desta forma, não se sentir disponível para adotar comportamentos baseados na disponibilidade, compreensão das emoções e sentimentos do seu filho. Num estudo de Curran, Hazen e Mann (2009) foi possível observar a predição das representações do casamento e as expectativas do mesmo no apoio que o homem e a mulher sentem na parentalidade do outro. Este estudo complementa a ideia de que, se o parceiro tiver uma ideia negativa do casamento e da sua relação conjugal, vai acabar por influenciar as suas práticas parentais e as da sua parceira.

Quanto à mediação, apenas se verificou uma associação positiva entre o evitamento da mulher e a percepção de rejeição do homem por via da supressão emocional tanto do homem como da mulher. Este efeito demonstra a relevância e a influência da supressão emocional na relação conjugal e no exercício da parentalidade. A regulação emocional é um processo presente na vida do indivíduo, que, inevitavelmente, influencia a relação conjugal. O casal vai expressar e regular as suas próprias emoções ao mesmo tempo que responde às emoções do parceiro (Levenson et al., 2014). Quanto à associação entre o estilo de vinculação evitante da mulher na percepção de rejeição do homem, Klausli e Owen (2011) mostraram que os pais que experienciam mais hostilidade e retirada da sua parceira revelam ser menos sensíveis nas interações com os seus filhos. Assim, este efeito de mediação da supressão emocional acaba por ir ao encontro da literatura.

Quando se analisa as diferenças entre homens e mulheres nas diferentes variáveis, é possível observar a existência de significância na variável vinculação ansiosa, sendo o efeito maior nos homens e a magnitude de efeito média. Ou seja, nestes participantes, os homens são mais ansiosos que as mulheres. Como se sabe pela literatura encontrada, seria de esperar um resultado contrário. No entanto, é possível que este acontecimento se deva, não ao facto dos homens serem mais ansiosos que as mulheres, mas sim a uma possível desejabilidade social da parte das parceiras. De ressaltar que existem sempre outras variáveis que não são controladas e que podem influenciar os resultados como, por exemplo, as características da criança (e.g., temperamento) ou o horário laboral de ambos os membros do casal. Neste estudo apenas se analisaram os efeitos da vinculação no exercício da parentalidade. Desta forma, é possível que também os comportamentos parentais possam estar associados à forma como o parceiro está vinculado.

Outra ocorrência que merece atenção prende-se com a inexistência de resultados na dimensão coerção. Esta é uma dimensão que aborda percepções do exercício da parentalidade como “Entro em lutas de poder com o meu filho” e “Para que o meu filho faça alguma coisa, tenho que gritar com ele”. Poderá estar presente alguma desejabilidade social com a emergência de processos defensivos que os protejam de eventuais críticas. Também é possível que os participantes não se tenham revisto neste tipo de comportamentos uma vez que não se trata duma população de risco.

Todos os resultados não esperados ajudam a perceber e a explicar as novas vivências destes casais. Muitas vezes torna-se difícil a comparação entre estudos devido aos diferentes construtos e instrumentos utilizados ou até mesmo a diversidade das amostras. Assim, este estudo contribui para aumentar o conhecimento científico dando oportunidade para refletir sobre resultados que, à partida, não seriam os esperados.

## **2. Limitações e Pistas para Investigações Futuras**

Apesar de se reconhecer a relevância dos resultados encontrados neste estudo, importa também refletir sobre as suas limitações. Em primeiro lugar, pode-se evidenciar o tamanho da amostra como pouco significativo tendo em conta as análises realizadas. Uma vez que se pretendia analisar as díades, uma amostra maior daria a oportunidade de criar modelos de análise mais complexos. O facto de se analisar apenas casais de duplo-emprego, com filhos em idade pré-escolar limita a sua generalização para outras



populações, como as famílias monoparentais ou casais com filhos mais velhos (por exemplo, adolescentes). A utilização de medidas de autorrelato faz com que seja difícil controlar a desejabilidade social, apesar de se reconhecer que é o método mais acessível para se chegar à população pretendida. Mais ainda, os questionários foram respondidos em casa dos participantes, não se controlando o pedido para os preencherem separadamente. A natureza transversal do estudo também impossibilita fazer inferências de causalidade entre as variáveis estudadas. Por último, revelou-se uma limitação a utilização de uma escala de parentalidade (PASCQ) que não foi ainda validada para a população portuguesa. Os valores do alfa de Cronbach e da análise confirmatória obtidos no presente estudo sugerem cautela na interpretação dos resultados.

No entanto, reconhece-se como positivo os contributos deste estudo para a compreensão da influência dos estilos de vinculação na idade adulta com algumas dimensões da parentalidade. Também parecem relevantes os resultados obtidos da estratégia de regulação emocional sobre as dimensões da parentalidade uma vez que poucas publicações existem sobre a relação entre estas variáveis. O facto de se ter realizado uma análise diádica contribuiu para a relevância deste estudo uma vez que são poucos aqueles que analisam os efeitos de ator e de parceiro, reconhecendo-se, assim, as influências individuais e interindividuais a que um casal está sujeito.

No futuro seria interessante, para além duma validação da escala das dimensões da parentalidade, proceder a análises mais completas, desta vez com as seis dimensões propostas pelos autores do instrumento. Também seria interessante utilizar mais variáveis de estratégias de regulação emocional (por exemplo, a comunicação das emoções) e verificar os seus efeitos mediadores assim como explorar associações bidirecionais. A literatura revela algumas lacunas quanto aos estudos de casais com filhos adolescentes, sendo por isso pertinente a realização dum estudo com essa população, podendo-se realizar comparações e analisar possíveis diferenças de resultados.

## Referências Bibliográficas

- Adam, E. K., Gunnar, M. R., & Tanaka, A. (2004). Adult attachment, parent emotion, and observed parenting behavior: Mediator and moderator models. *Child Development, 75*, 110-122. doi:10.1111/j.1467-8624.2004.00657.x
- Alexandrov, E., Cowan, P., & Cowan, C. P. (2005). Couple attachment and the quality of marital relationships: Method and concept in the validation of the new couple attachment interview and coding system. *Attachment & Human Development, 7*(2), 123-152. doi:10.1080/14616730500155170
- Baldwin, A. L. (1948). Socialization and parent-child relationship. *Child Development, 19*, 127-136. doi:10.1111/j.1467-8624.1948.tb04665.x
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social & Personal Relationships, 7*(2), 147-178. doi:10.1177/0265407590072001
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality & Social Psychology, 61*(2), 226-244. doi:10.1037/0022-3514.61.2.226
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development, 37*, 887-907. doi:10.2307/1126611
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*(1), 83-96. doi:10.1111/1467-8624.ep7405453
- Berkien, M. J. (2012). Children's perceptions of dissimilarity in parenting styles are associated with internalizing and externalizing behavior. *European Child & Adolescent Psychiatry, 21*(2), 79-85. doi:10.1007/s00787-011-0234-9
- Bradley, R. (2002). Environment and parenting. In M. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting* (pp. 281-314). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Braza, P., Carreras, R., Muñoz, J. M., Braza, F., Azurmendi, A., Pascual-Sagastizábal, E., & ... Sánchez-Martín, J. R. (2015). Negative maternal and paternal parenting styles as predictors of children's behavioral problems: Moderating effects of the child's sex. *Journal of Child and Family Studies, 24*(4), 847-856. doi:10.1007/s10826-013-9893-0
- Bugental, D., & Goodnow, J. (1998). Socialization process. In D. William & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol.3. Social, emotional, and personality development* (5ª ed., pp. 389-462). NJ: John Wiley & Sons Inc.

- Calkins, S. D., & Hill, A. (2007). Caregiver influences on emerging emotion regulation. In J. J. Gross (Eds.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 229-248). New York: The Guilford Press.
- Chew, W., & Wang, C. (2013). Parents as social context in youth sport: A validation of the PASCQ with adolescent Singapore athletes. *International Sports Studies*, 35(2), 34-46.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2<sup>a</sup> ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Crowell, J. A., & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development*, 5(3), 294-327. doi:10.1111/1467-9507.ep11633847
- Cruz, O. (2013). *Parentalidade*. Porto: Livpsic.
- Curran, M. A., Hazen, N. L., & Mann, T. (2009). Representations of marriage and expectations of parenthood: Predictors of supportive coparenting for first-time parents. *Parenting, Science and Practice*, 9, 101-122. doi:10.1080/15295190802656794
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.
- Del Giudice, M. (2011). Sex differences in romantic attachment: A meta-analysis. *Personality and Social Psychology*, 37(2), 193-214. doi:10.1177/0146167210392789
- Dewitte, M., De Houwer, J., Goubert, L., & Buysse, A. (2010). A multi-modal approach to the study of attachment-related distress. *Biological Psychology*, 85(1), 149-162. doi:10.1016/j.biopsycho.2010.06.006
- Di Maggio, R., & Zappulla, C. C. (2014). Mothering, fathering, and Italian adolescents' problem behaviors and life satisfaction: Dimensional and typological approach. *Journal of Child & Family Studies*, 23(3), 567-580. doi:10.1007/s10826-013-9721-6
- Dix, T. (1991). The affective organization of parenting: Adaptive and maladaptive processes. *Psychological Bulletin*, 110(1), 3-25. doi:10.1037/0033-2909.110.1.3
- Don, B. P., Biehle, S. N., & Mickelson, K. D. (2013). Feeling like part of a team: Perceived parenting agreement among first-time parents. *Journal of Social and Personal Relationships*, 30(8), 1121-1137. doi:10.1177/0265407513483105

- Eisenberg, N., Losoya, S., Fabes, R. A., Guthrie, I. K., Reiser, M., Murphy, B., & ... Padgett, S. J. (2001). Parental socialization of children's dysregulated expression of emotion and externalizing problems. *Journal of Family Psychology, 15*(2), 183-205. doi:10.1037/0893-3200.15.2.183
- Eurostat (2010). *Employment rate of adults by sex, age groups, highest level of education attained, number of children and age of youngest child*. Retirado de: <http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/setupUpdateinfo.do>
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (1997). Adult attachment and the suppression of unwanted thoughts. *Journal of Personality and Social Psychology, 73*(5), 1080-1091. doi:10.1037/0022-3514.73.5.1080
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The experiences in close relationships-relationship structures questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment, 23*(3), 615-625. doi:10.1037/a0022898
- Garrison, A. M., Kahn, J. H., Miller, S. A., & Sauer, E. M. (2014). Emotional avoidance and rumination as mediators of the relation between adult attachment and emotional disclosure. *Personality and Individual Differences, 70*, 239-245. doi:10.1016/j.paid.2014.07.006
- Gross, J. J. (1998). The emerging field of emotion regulation: An integrative review. *Review of General Psychology, 2*(3), 271-299. doi:10.1037/1089-2680.2.3.271
- Gross, J. J. (2002). Emotion regulation: Affective, cognitive, and social consequences. *Psychophysiology, 39*, 281-291. doi:10.1017/S0048577201393198
- Gross, J. J., & John, O. P. (2003). Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 85*(2), 348-362. doi:10.1037/0022-3514.85.2.348
- Gross, J. J., & Thompson, R. A. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J. J. Gross (Eds.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 3-24). New York: The Guilford Press.
- Gunzenhauser, C., Fasche, A., Friedlmeier, W., & Suchodoletz, A. (2014). Face it or hide it: Parental socialization of reappraisal and response suppression. *Frontiers in Psychology, 4*, 1-14. doi:10.3389/fpsyg.2013.00992
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality & Social Psychology, 52*(3), 511-524.

doi:10.1037/0022-3514.52.3.511

- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22.
- Hoghughi, M. (2004). Parenting: An introduction. In M. Hoghughi, & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp.1-18). London: SAGE Publications.
- Holmberg, D., Lomore, C. D., Takacs, T. A., & Price, E. L. (2011). Adult attachment styles and stressor severity as moderators of the coping sequence. *Personal Relationships*, 18(3), 502-517. doi:10.1111/j.1475-6811.2010.01318.x
- Jaffe, M., Gullone, E., & Hughes, E. K. (2010). The roles of temperamental dispositions and perceived parenting behaviours in the use of two emotion regulation strategies in late childhood. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 31, 47-59. doi:10.1016/j.appdev.2009.07.008
- John, O. P., & Gross, J. J. (2004). Healthy and unhealthy emotion regulation: Personality processes, individual differences, and life span development. *Journal of Personality*, 72(6), 1301-1334. doi:10.1111/j.1467-6494.2004.00298.x
- John, O. P., & Gross, J. J. (2007). Individual differences in emotion regulation. In J. J. Gross (Eds.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 351-372). New York: The Guilford Press.
- Jones, J. D., Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2014). Parents' self-reported attachment styles: A review of links with parenting behaviors, emotions, and cognitions. *Personality and Social Psychology Review*, 19, 1-33. doi:10.1177/1088868314541858
- Jones, J. D., Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2015). Adult attachment style and parenting. In J. A. Simpson, & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and research: New directions and emerging themes* (pp. 234-260). New York: The Guilford Press.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. New York: The Guilford Press.
- Klausli, J. F., & Owen, M. T. (2011). Exploring actor and partner effects in associations between marriage and parenting for mothers and fathers. *Parenting: Science & Practice*, 11(4), 264-279. doi:10.1080/15295192.2011.613723
- Kowlessar, O., Fox, J. R., & Wittkowski, A. (2015). First-time fathers' experiences of parenting during the first year. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 33(1), 4-14. doi:10.1080/02646838.2014.971404

- Lang, S. N., Schoppe-Sullivan, S. J., Kotila, L. E., & Kamp Dush, C. M. (2013). Daily parenting engagement among new mothers and fathers: The role of romantic attachment in dual-earner families. *Journal of Family Psychology*, 27(6), 862-872. doi:10.1037/a0034510
- Le, B. M., & Impett, E. A. (2016). The costs of suppressing negative emotions and amplifying positive emotions during parental caregiving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 42(3), 323-336. doi:10.1177/0146167216629122
- Lemos, M. S., & Cadima, J. (sem data). Versão portuguesa do Parents as Social Context Questionnaire (PASCQ) – Parent-Report (Skinner, Wellborn & Regan, 1986). *Manuscrito não publicado*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Levenson, R. W., Haase, C., Bloch, L., Holley, S. R., & Seider, B. H. (2014). Emotion regulation in couples. In J. J. Gross (Eds.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 267-283). New York: The Guilford Press.
- Liu, L., Cohen, S., Schulz, M. S., & Waldinger, R. J. (2011). Sources of somatization: Exploring the roles of insecurity in relationships and styles of anger experience and expression. *Social Science & Medicine*, 73(9), 1436-1443. doi:10.1016/j.socscimed.2011.07.034
- Loewenstein, G. (2007). Affect regulation and affective forecasting. In J. J. Gross (Eds.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 180-205). New York: The Guilford Press.
- Lorber, M. F. (2012). The role of maternal emotion regulation in overreactive and lax discipline. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 642-647. doi:10.1037/a0029109
- Louie, J. Y., Lau, A. S., & Oh, B. J. (2013). Cultural differences in the links between parental control and children's emotional expressivity. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 19(4), 424-434. doi:10.1037/a0032820
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. Mussen (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol.4. Socialization, personality, and social development* (4<sup>a</sup> ed., pp. 1-101). New York: John Wiley.
- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., & Williams, J. (2004). Confidence limits for the indirect effect: Distribution of the product and resampling methods. *Multivariate Behavioral Research*, 39(1), 99-128. doi:10.1207/s15327906mbr3901\_4

- MacKinnon, D. P., Lockwood, C., Hoffman, J. M., West, S. G., & Sheets, V. (2002). A comparison of methods to test mediation and other intervening variable effects. *Psychological Methods*, 7(1), 83-104. doi:10.1037/1082-989X.7.1.83
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. *Monographs of The Society for Research in Child Development*, 50(1/2), 66-104. doi:10.1111/1540-5834.ep11889989
- Mallinckrodt, B., & Wei, M. (2005). Attachment, social competencies, social support, and psychological distress. *Journal of Counseling Psychology*, 52(3), 358-367. doi:10.1037/0022-0167.52.3.358
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações*. (2ª ed.). Pêro Pinheiro: Report Number.
- Marroquín, B. (2011). Interpersonal emotion regulation as a mechanism of social support in depression. *Clinical Psychology Review*, 31, 1276–1290. doi:10.1016/j.cpr.2011.09.005
- Martini, T. S., Root, C. A., & Jenkins, J. M. (2004). Low and middle income mothers' regulation of negative emotion: Effects of children's temperament and situational emotional responses. *Social Development*, 13(4), 515-530. doi:10.1111/j.1467-9507.2004.00281.x
- Matias, M., Fontaine, A. M., Simão, C., Oliveira, J., & Mendonça, M. (2010, Fevereiro). *A conciliação trabalho-família em casais de duplo-emprego*. Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.
- Mehta, N., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2009). Working models of attachment to parents and partners: Implications for emotional behavior between partners. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 895-899. doi:10.1037/a0016479
- Meteyer, K. B., & Perry-Jenkins, M. (2009). Dyadic parenting and children's externalizing symptoms. *Family Relations*, 58, 289–302. doi:10.1111/j.1741-3729.2009.00553.x
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2004). Security-based self-representations in adulthood: Contents and processes. In W. S. Rholes, & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 159-195). New York: The Guilford Press.

- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2005). Attachment theory and emotions in close relationships: Exploring the attachment-related dynamics of emotional reactions to relational events. *Personal Relationships*, 12(2), 149-168. doi:10.1111/j.1350-4126.2005.00108.x
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics and change*. New York: The Guilford Press.
- Mikulincer, M., Gillath, O., & Shaver, P. R. (2002). Activation of the attachment system in adulthood: Threat-related primes increase the accessibility of mental representations of attachment figures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(4), 881-895. doi:10.1037/0022-3514.83.4.881
- Mikulincer, M., Hirschberger, G., Nachmias, O., & Gillath, O. (2001). The affective component of the secure base schema: Affective priming with representations of attachment security. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(2), 305-321. doi:10.1037/0022-3514.81.2.305
- Millings, A., Walsh, J., Hepper, E., & O'Brien, M. (2013). Good partner, good parent: Responsiveness mediates the link between romantic attachment and parenting styles. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 39(2), 170-180. doi:10.1177/0146167212468333
- Mills-Koonce, W. M., Appleyard, K., Barnett, M., Deng, M., Putallaz, M., & Cox, M. (2011). Adult attachment style and stress as risk factors for early maternal sensitivity and negativity. *Infant Mental Health Journal*, 32(3), 277-285. doi:10.1002/imhj.20296
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2014). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the portuguese version of the experiences in close relationships-relationship structures questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 1-9. doi:10.1080/00223891.2014.950377
- Morelen, D., & Suveg, C. (2012). A real-time analysis of parent-child emotion discussions: The interaction is reciprocal. *Journal of Family Psychology*, 26(6), 998-1003. doi:10.1037/a0030148
- Perris, C. P., & Andersson, P. (2000). Experiences of parental rearing and patterns of attachment in adulthood. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 7(4), 279-288. doi:10.1002/1099-0879
- Richards, J. M., Butler, E. A., & Gross, J. J. (2003). Emotion regulation in romantic relationships: The cognitive consequences of concealing feelings. *Journal of*



- Social & Personal Relationships*, 20(5), 599-620.  
doi:10.1177/02654075030205002
- Rholes W. S., Simpson J. A., & Blakely, B. S. (1995). Adult attachment styles and mothers' relationships with their young children. *Personal Relationships*, 2(1), 35-54. doi:10.1111/j.1475-6811.1995.tb00076.x
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Friedman, M. (2006). Avoidant attachment and the experience of parenting. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 32(3), 275-285. doi:10.1177/0146167205280910
- Roth, G., & Assor, A. (2012). The costs of parental pressure to express emotions: Conditional regard and autonomy support as predictors of emotion regulation and intimacy. *Journal of Adolescence*, 35, 799-808. doi:10.1016/j.adolescence.2011.11.005
- Schweizer, K. (2010). Some guidelines concerning the modeling of traits and abilities in test construction. *European Journal of Psychological Assessment*, 26, 1-2. doi:10.1027/1015-5759/a000001
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2002). Attachment-related psychodynamics. *Attachment & Human Development*, 4(2), 133-161. doi:10.1080/14616730210154171
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2007). Adult attachment strategies and the regulation of emotion. In J. J. Gross (Eds.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 446-465). New York: The Guilford Press.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2014). Adult attachment and emotion regulation. In J. J. Gross (Eds.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 237-250). New York: The Guilford Press
- Skinner, E., Johnson, S., & Snyder, T. (2005). Six dimensions of parenting: A motivational model. *Parenting: Science & Practice*, 5(2), 175-235. doi:10.1207/s15327922par0502\_3
- Skinner, E. A., Wellborn, J. G., & Regan, C. (1986). The "Parents as Social Context Questionnaire" (PASCQ): Parent- and child-reports of parent involvement, structure, and autonomy support. (Tech Rep.). Rochester, NY: University of Rochester.
- Thompson, R. A., & Meyer, S. (2007). Socialization of emotion regulation in the family. In J. J. Gross (Eds.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 249-268). New York: The Guilford Press.
- Thornerg, F. A., Young, R. M., Sullivan, K. A., Lyvers, M., Hurst, C., Connor, J., &

- Feeney, G. (2011). Attachment security and alexithymia in a heavy drinking sample. *Addiction Research and Theory*, 19(6), 566-570. doi:10.3109/16066359.2011.580065
- Turpyn, C. C., Chaplin, T. M., Cook, E. C., & Martelli, A. M. (2015). A person-centered approach to adolescent emotion regulation: Associations with psychopathology and parenting. *Journal of Experimental Child Psychology*, 136, 1-16. doi:10.1016/j.jecp.2015.02.009
- Vaz, F. (2009). *Diferenciação e regulação emocional na idade adulta: Tradução e validação de dois instrumentos de avaliação para a população portuguesa* (Dissertação de Mestrado). Retirado de RepositóriUM.
- Vaz, F., & Martins, C. (2008). Questionário de regulação emocional. *Manuscrito não publicado*. Universidade do Minho.
- Winterheld, H. A. (2016). Calibrating use of emotion regulation strategies to the relationship context: An attachment perspective. *Journal of Personality*, 84(3), 369-380. doi:10.1111/jopy.12165